NEOLOGISMOS INDISPENSAVEIS

E

BARBARISMOS DISPENSAVEIS

DR. CASTRO LOPES

NEOLOGISMOS INDISPENSAVEIS

E

BARBARISMOS DISPENSAVEIS

COM UM

VOCABULARIO NEOLOGICO PORTUGUEZ

..... Ego, cur, acquirere pauca
Si possum, invideor, quum lingua Catonis et Ennî
Sermonem patrium ditaverit ?

Horat. Ant. Poet.

Si Ennio, e Catão formando novas vozes,
Enriqueceram muito o patrio idioma,
Eu tomára saber com que justiça,
Si accrescento uma, ou outra me censuram ?

Trad. de Candido Lusitano.

RIO DE JANEIRO
Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31

1889

A

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE
LISBOA

O. D. C.

O

AUCTOR

LÊDE.

As costumadas supplicas pedindo com fingida modestia indulgencia para as faltas do livro, não as açhará o leitor nas paginas poemiaes do presente opusculo.

Quen aponcta erros, corrige vicios de linguagen, propõe a adopção de neologismos, e finalmente discute questões philologicas e linguisticas, não póde, falando com seriedade, apresentar-se tão pobre de conhecimentos, que dos proprios, a quen vae instruir, mendigue escusa.

Mentiria portanto o auctor d'este livro, si tal dicesse.

Despertou en Juvenal o estro para a satyra a indignação contra os costumes da sua epocha; en min provocou o apparecimento d'este opusculo a indignação contra o desprezo e anarchia, que na linguagen vernacula reinão.

Facto desgraçadamente notorio é a decadencia dos bons estudos en nossa terra; entretanto illude-nos o ficticio apparato de ũa instrucção relativa a humanidades, fazendo crer que á juventude são esses indispensaveis conhecimentos litterarios regularmente subministrados.

Tudo porèn é apenas douradura por processos galvanicos; prata de lei já não existe; é tudo *pechisbeque*.

Estudão-se os preparatorios sómente para, por meios quasi sempre illegitimos, poder alcançar-se a inscripção nos cursos superiores, e ser *doutor*, embora não *douto*.

No seculo do vapor, da electricidade, e do aerostato já não basta correr, é preciso voar.

Ha pressa de chegar; ninguen quer andar pausadamente; e por isso tamben rarissimos são os que nesse vertiginoso perpassar pelas disciplinas litterarias se embeben das bellezas da fórma, e da substancia da materia.

Aquelles inexcediveis archétypos da litteratura grega e latina não são mais que velharias aborrecidas, desafiando en muĩtos desdenhoso sorriso. Cégos, que ouvindo falar do encanto e belleza das côres, por que os não poden apreciar, não gostão de que se -lhes encareça o esplendor d'essas maravilhas!...

E é d'ũa geração, assin educada, que surgen improvisados litteratos, Aristarchos de meia tigella, ignorantes até da isagoge grammatical!...

Sen que o espirito se tivesse habituado ás fórmas do dizer latino, fonte, d'onde manou o portuguez, não conhecen esses escriptores aquella formosa construcção, a qual ao passo que deleita o

ouvido, exprime ao mesmo tempo com toda a pureza e exactidão os mais delicados ancenubios do pensamento.

Adivinha-se pela simples leitura do mais trivial escripto, si o auctor estudou e aprendeu as linguas classicas.

Com todos esses escrivinhadores succede o mesmo, que com os musicos de outiva: póden agradar aos que ignoren as regras da musica; aquelles porèn, que conhecen a arte da harmonia, esses lhes senten logo as falhas e erros.

Imagine-se agora qualquer curioso notando defeitos en un mestre de contraponcto; e ter-se-ha o *simile* do litterato, que ignorando as humanidades discute e censura questões de linguistica.

Pode ben acontecer que estes neologismos sejão tamben reprovados pelos taes musicos de outiva; porque nestes tempos admiraveis até os illettrados se julgão aptos para consultar com seo parecer sobre todo e qualquer assumpto litterario.

Como quer que seja, são estas novas palavras, (filhas legitimas da necessidade de sêren creadas) vivo protesto contra o abastardamento e decadencia da linguagen vernacula.

É *vicio* o neologismo, quando não ha razão de creal-o; *necessidade* porèn, quando para exprimir ũa idéa carece de termo a lingua.

Julgo haver plenamente justificado en todos os artigos contidos neste livro a creação dos novos vocabulos, tendo tamben demonstrado a bôa contextura dos mesmos, quanto ás suas derivações, expressão do pensamento, e euphonia na pronunciação.

No VOCABULARIO NEOLOGICO annexo repito por orden alphabetica todas as palavras novas, de que tractei en artigos especiaes, aponctando muĩtas outras tamben novas en substituição de termos exoticos.

Tenho com grande satisfacção visto alguns d'esses neologismos adoptados pelo povo, e pela imprensa diaria. Assin quizessen os dignos directores do nosso jornalismo, *en vez de se transformaren en despotas, que alterão a orthographia dos auctores* (não falo dos auctores anonymos) fazer vingar estas creações, e expungir de estranhas eivas a linguagen portugueza, seguindo o VOCABULARIO DOS BARBARISMOS DISPENSAVEIS, tamben appenso a este volume.

Ha quen por pouco reflectir julgue exaggerada a censura dos barbarismos, que a ignorancia, a preguiça, a affectação, e a moda têen introduzido na lingua portugueza.

A leitura dos livros classicos portuguezes é para muĩtos como a de ũa lingua estrangeira.

São prlmores da linguagem portugueza hodierna phrases, como estas: — Açhaste eloquente

o discurso de F ?— *Mas muito,* responde o francelho, que mette esse *mas,* (ridicula affectação) o qual en portuguez ainda não recebeu orden para deixar de ser *expressão adversativa* A que se contrapõe esse—*mas ?* Na lingua franceza, sin ; pode dizer-se; não ha erro ; en portuguez, não ; porque *mas* exprime opposição. — *Os soldados estando fatigados* do combate, o inimigo aproveitou a occasião e venceu ; en logar de — *Estando os soldados fatigados,* ou *por estarem os soldados fatigados,* etc. —Ella apresentou-se vestida *elegantemente, e ricamente.*

E' contra todas as regras do gosto, e da euphonia ; imitação servil do francez. A phrase portugueza deve ser — Ella apresentou se *elegante e ricamente* vestida. Ja tenho lido tres adverbios en — *mente* — seguidos un após outro. Que depravação do gosto ! que depravação do ouvido !...

Seja — o ben vindo ; en vez *seja ben vindo.* O tempo ha vir, en que, etc. Construcção franceza ; porque en portuguez deve dizer-se : Ha de vir tempo, en que, etc., e mil outras erronías *sine fine.*

Argumentão, para sustentar a deturpação do idioma vernaculo, dizendo que a lei do progresso deve tudo reger, e que por consequencia a linguagen deve passar tamben por essa evolução, que en todos os ramos do saber humano se manifesta.

Confunden progresso com desnaturação. Os archaismos, os vocabulos obsolétos cahen, como as folhas velhas das arvores, na bella e immorredoura comparação de Horacio.

Não é de desenterrar palavras mortas e sepultadas, que se tracta; mas de limpar, de expurgar a linguagen vernacula de vozes barbaras, de construcções contrarias à indole d'aquella, e de crear com bons elementos termos, que no idioma portuguez falten para traduzir os exoticos.

E' isto o que se deve çhamar progresso; esta é que é a verdadeira evolução na vida de ũa lingua.

Crear neologismos, não a torto e a direito, quando não haja necessidade real; mas formal-os, observados os requisitos e condições que o grande mestre recommenda; indicar os vocabulos e phrases correspondentes aos da lingua estranha, ficando assin provados o desnecessario uso e emprego de barbarismos; taes são os fins principaes d'este livrinho.

A predilecção dos barbarismos é *vicio de raça*.

Gostavão os romanos de imitar usos, e costumes estrangeiros, e até na linguagen vocabulos barbaros introduzirão; nunca porén como brazileiros e portuguezes hoje indiscretamente o fazen.

O que era *estrangeiro*, era *bello*, *lindo*, *admiravel*, *primoroso*, *raro*, *singular*, *excellente;* tanto que

taes são as significações do adjectivo *peregrino* en latin e en portuguez.

Mas, por ser *vicio de raça*, não deixa de ser *vicio*, e portanto digno de castigo e emenda.

Eis porque censuro, e profligo tal vicio, que já excede todos os limites, esperando que não me attribuão en materia litteraria o que jamais existiu nen existe en meo coração — *antagonismo internacional...*

Honni soit qui mal y pense.

DUAS PALAVRAS

SOBRE A

ORTHOGRAPHIA POR MIN SEGUIDA

Tanto, quanto é possivel, sigo a orthographia etymologica.

No prologo d'este opusculo, e no presente artigo dou o *spécimen* da que en minha opinião deveria ser adoptada na lingua portugueza; mas para não escandalizar os leitores com a estranheza do modo de orthographar as palavras vernaculas, empreguei no corpo da obra a orthographia en geral usada; *mas que não é rigorosamente etymologica.*

Discute-se desde remotas eras a preferencia entre os modos de orthographar, etymologico, e phonetico; e na lingua portugueza *adhuc sub judice lis est.*

O que porèn não soffre contestação é que a multidão dos sectarios da primeira representa ũa maioria esmagadôra do limitadissimo numero dos apologistas da segunda.

Posto que sigo, conforme declarei, a orthographia etymologica, não cançarei a quen me ler, desenvolvendo argumentos tendentes a mostrar a excellencia d'aquella; por que para conseguir o mesmo fin bastaráõ as ponderosas razões, que apresentarei contra a orthographia phonetica.

Çhamão tamben (para disfarçar a contradicção) orthographia mixta aquella, en que o escriptor, sendo etymologico en ũas, deixa de ser en outras palavras; por exemplo, para não citar mil outras, *xarope*, que todos os diccionaristas escreven com —*x*—, devendo escrever com—*çh*—; pois que ven do arabe *chorbet*, cuja raiz é o verbo *charab*, beber.

Eu não uso de euphemismos en materias didacticas; tal orthographia, çhamada mixta, é contradictoria e incoherente; é a de todos os diccionarios portuguezes.

O poncto vulneravel dos sectarios da orthographia sonica é *a impossibilidade de se açhar a verdadeira e melhor pronuncia para por ella se regular o modo de escrever.*

Com effeito, qual o padráõ, a que se deva reportar quen quizer escrever as palavras, conforme a pronuncia?

Não varía esta, segundo os tempos, os logares de ũa mesma nação, as pessoas, os sexos, e até as phases da vida de câda homen?...

A este irrespondivel argumento não podendo mais resistir, eis que cântaõ ja a palinódia os or-

thographistas phoneticos, dizendo que « *Uã orthographia phonetica é practicamente impossivel,* como o declara Mr. Arsenè Darmesteter (*Question de la réforme orthographique, Paris, 1888*); accrescentando que « *orthographia phonetica só deve ser a orthographia que se contente com* UN POUCO MAIS OU MENOS PHONETICO (orthographia *de pouco mais ou menos,* digo eu): en summa, « *que a orthographia sonica não deve ser mais do que a simplificação da orthographia usual* (!!!)

Isto não merece refutação séria. E é tal litterato que pretende acabar com a orthographia etymologica na França, na Belgica, na Allemanha, na Inglaterra, e nos Estados-Unidos! !...

Bástaõ alguns exemplos de phrases com palavras parônymas, para que fique evidente a ambiguidade, que da orthographia phonetica pode muĩtas vezes resultar.

« Esta velha arvore não tên era ».

Será este vocabulo—« *era* »—synônymo de duração, epocha; ou o nome de ũa planta (hera)?

Com a orthographia etymologica tal duvida desapparece.

« Elle estava coberto de luto ». Será o vestido que indica dó, ou a palavra *lôdo, lama ?*

A observancia da orthographia etymologica, collocando-se—*c*—antes do—*t*—, tira toda a ambiguidade.

E como estas, muitas outras proposições equivocas, onde entrassen as palavras parônymas *cerrar* (com— *c*—), e *serrar* (com—*s*—), *servo* (com—*s*—), e *cervo* (com—*c*—), etc.

Mas ha no mundo ũa nação néo-latina, que segue a orthographia sonica; e nisto fundando os Ibérophilos o seo argumento—Hercules, suppõe esmagar a hydra etymologica.

Vejamos.

Não é tão absolutamente exacto, como proclamão os defensores da orthographia sonica, que os escriptores hespanhoes empreguen exclusivamente a orthographia phonetica.

Un livro importante, e da maior auctoridade neste assumpto vae confirmar o que acabo de dizer.

Lê-se na *Orthographia* (com *th* e *ph*) *española compuesta y ordenada por la Real Academia Española* (1741) o seguinte.

« Nos primeiros livros do nosso idioma (hes-
« panhol), como a lingua era filha da latina, na
« maior parte de seos termos, e os que a falavão
« e escrevião, estavão mais proximos dos latinos,
« observava-se a orthographia quasi inteiramente la-
« tina, como se vê dos livros dos Fóros, das Leis,
« e de outros documentos antigos; e assin se
« açhavão nelles vozes escriptas com a mesma du-
« plicação de consoantes, de que usavão os latinos;
« e durou tanto esta opinião, que escrevendo An-

« tonio de Nebrixa o seo tractado de orthographia
« hespanhola regulou-o quasi inteiramente á la-
« tina ».

Continúa depois o auctor declarando que com o correr do tempo se fôrão os escriptores afastando da etymologia grega e latina; mas não tanto, que de todo a orthographia etymologica desprezassen.

E mais o confirma, quando na pagina 93 da obra citadada dá como regras principaes da orthographia hespanhola a observancia dos tres seguintes ponctos: *pronunciação*, (que confessa não ser base solida), *origens*, (note-se ben — *origens*, isto é, *etymologia*) e *uso*.

Alén d'isto nesse volumoso tractado de *Orthographia composto e ordenado pela Real Academia Hespanhola* vê-se que o auctor faz reflexões tendentes a mostrar que não só nos nomes proprios de homens, de logares, de sciencias, e de artes; mas até en muĩtas palavras, foi seguida a orthographia etymologica.

Com effeito, os Hespanhóes escrevêrão *theatro* (com — *th* —) *rhitmo*, (com *rh*) *hablassen* com dous *ss*, e do mesmo modo os preteritos imperfeitos do conjunctivo en todos os verbos.

Tudo porèn alterárão depois, escrevendo phoneticamente, para não seren incoherentes; peçha, de que ainda hoje não se poden dizer abstergidos.

Para justificar as minhas ultimas palavras, lembrarei que todas as terceiras pessoas verbaes no plural escréven elles com — *n* —, assim como a preposição *en* (*in* latino, ou *en* grego), sen falar de muĩtos outros vocabulos, cuja orthographia é mais etymologica do que a seguida, e aconselhada pelos nossos lexicographos, que se dizen etymologistas.

Foi portanto un capriçho esse afastamento do primitivo modo de orthographar; capriçho originado pelo antagonismo internacional; buscando os hespanhóes en tudo se segregar, e distinguir dos portuguezes, que tamben por seo turno deixárão de orthographar muĩtas palavras pelo modo, por que primitivamente o fazião, só para se não pareceren com os seos visinhos.

O adjectivo *bello*, de origen latina, que se escreve com dous *ll*, é do mesmo modo escripto en hespanhol, com preferencia á orthographia phonetica, como se vê nos diccionarios da mesma lingua.

Com estes e outros argumentos poderia eu provar, que a orthographia hespanhola (ainda hoje incoherente) é, *cæteris paribus*, mais etymologica do que a portugueza; mas tal não é o escôpo, a que me dirijo; porquanto o que só desejo é explicar os motivos, en que me fundei, visto que sigo a orthographia etymologica, para escrever de modo diverso algũas palavras.

Escrevo — *muĩto* — com til; por que sen aquelle *signal de aspiração* as lettras *ui* sôarião como nas vozes *cuido*, *descuido*, *fluido*, *fortuito*, *gratuito*, *intuito*.

Camões escreveu *muito* sen til, e rimou-o com *fruito*, por que naquelle tempo dizia-se á latina *fruito* (do verbo *fruor*, *eris*, *fruitus*, &), e pronunciava-se o vocabulo — *muĩto* — sen aspiração.

As palavras — *un* — (e seos compostos) *son*, *ton*, *bon*, *origen*, e todas aquellas, cuja syllaba final é aspirada, ou nasalada escrevo-as, como se deve, com *til*, ou com — *n* — ; por que en latin são escriptas com — *n* — ; e ainda mais, porque, quando as pronunciamos en portuguez, produzimos *son nasal*.

De todas estas palavras se fórma o plural accrescentando — *s* —, sen haver necessidade *de inventar-se a transformação do supposto e absurdo — m — no singular en* — N — *no plural*.

A preposição *en* não póde, não deve ser escripta com — *m* —. Nas outras linguas néo-latinas essa preposição é escripta com — *n* — ; o francez escreve — *en* — ; o hespanhol — *en* — ; o italiano — *in* — : alén d'isto en grego, d'onde passou para o latin, mudando apenas o — *e* — en — *i* — (*in*) essa preposição é *en*—. Até en inglez, e allemão, que não são linguas néolatinas, esta preposição se escreve com — *n* — (*in*), e quando en allemão se encontra

— *im* — com—m —, é por ser a contracção de — *in* — e do artigo — *dem.* —

Por que ha de então en portuguez escrever-se com — *m* — ?

Não é ella pronunciada com son nasal? Onde teve jamais a lettra — *m* — son nasal ? Quando se pronuncia — *m* —, apertão-se os labios. (Vede Moraes, lettra M.)

Pouco ou quasi nada se attende hoje a euphonia na linguagen: aquelles rigorosos preceitos de phonação, de que a lingua grega nos dá provas, accentuando as vogaes, e empregando *os espiritos rudes, e brandos,* parece que de todo estão en portuguez desprezados ; quando, por exemplo, se escreven com — *m* — final palavras, que nasalmente se pronuncião.

O sanskrito, que sobre todas as linguas leva essa severidade harmonica ao mais subido grão, não emprega nas palavras lettras, que não sejão da mesma classe.

É d'esta lingua sen duvida algũa a parte mais difficil para os que hoje não conhecen essas leis musicaes da linguagen.

O — *m* — final nesta lingua soffre córte, e suppressão antes de certos suffixos; outras vezes se muda en — *n* —.

E por que incidentemente falei do — *m* —, julgo conveniente explicar un poncto, com certeza até hoje ignorado.

Mandão todos os ortographistas que antes de — *b* — *p* — e — *m* — sempre se escreva — *m* — ; a razão porèn, que ainda ninguen a deu, é a seguinte, a qual para melhor explicar repetirei o que diz a grammatica sanskrita.

O conhecimento da euphonia sanskrita derrama muita luz sobre grande numero de mutações, que nas linguas occidentaes são consideradas *irregulariddes;* entretanto que fundamentalmente são consequencias naturaes de antigas leis, simples e geraes, en parte cahidas en desuso; mas a que o instincto popular ainda obedece.

Quando, por exemplo, da preposição *en* (portugueza) e do verbo *beber* se fòrma a palavra — I*mbeber* —, esta troca do — *n* — en — *m* — não é simples capriçho; não é uma excepção; não, abso*e*utamente não. É que seguimos a regra sanskrita, *substituindo á nasal da orden das dentaes* (*n*) *a nasal que pertence á orden das labiaes* (*m*); é uma lei physiologica.

A respeito da preposição — *sen* — escripta com — *n* — milítão as mesmas razõess que dei, quando justifiquei o emprego do — *n* — substituindo o — *m* — da preposição *em.*

En todas as linguas derivadas do latin esta preposição é escripta com — *n* — medio, ou final; no latin — *sine* — ; no hespanhol — *sin* — ; no francez — *sans* — ; no italiano — *senza.*

Todos os substantivos, que erradamente se escreven en portuguez com — *m* —, (taes como *ordem*, *origem*, *homem*, e seos compostos pronominaes *alguem*, *ninguem*, *quem*, não vêen do accusativo *ordinem*, *originem*, *hominem*, *aliquem*, *neminem*, *quem*. A apparencia illudiu os grammaticos: nascen todos esses vocabulos do ablativo do singular—*ordine*, *origine*, *homine*, *aliquo homine* (alguem) *nec homine* (ninguem) *quem* (que homem). Cahe en todos elles a syllaba media e breve — *i* —; e por adoçamento da pronuncia diz-se *ord-en* en vez de *ord-ne*, *orig-en* en logar de *orig-ne*, *hom-en* en vez de *hom-ne*, effectuando-se a mesma alteração, com as devidas transformações, nas palavras *alguen*, *ninguen*, *quen*.

Por motivos oppostos, mas fundados nos mesmos principios escrevo *com* empregando a consoante final — *m* —; obedeço á etymologia, (*cum* latino, que se escreve com — *m* —) e á phonação; porque proferindo o vocabulo — *com* —, não produzo son nasal.

Os hespanhóes violárão aqui a etymologia, escrevendo *con* (preposição) com — *n*.

Ũa das razões, que mais reforça a opinião de que a preposição portugueza *en* deve ser escripta com — *n* —, e não com — *m* —, é que, quando se lhe seguen os artigos *o*, *a*, e os adjectivos *este*, *esta*, *isto*, *esse*, *essa*, *isso*, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, o — *n* —, que a todas estas palavras precede, é a consoante final da preposição — *en* —, que apenas por *apherese* perde a

primeira lettra; ao passo que admittindo-se a absurda orthographia do —*m*—, dizen os grammaticos que nas palavras *no, na, neste, nesta, nisto, nesse, nessa, nisso, naquelle, naquella, naquillo,* a preposição —*em*— (orthographia errada) perde o —*e*—, e muda o —*m*— en —*n!!*

Permitta-se ũa comparação: as palavras compõe-se de ũa parte fixa, invariavel, *(radical)* e de outra variavel, sujeita a mudanças *(suffixo).*

Tèen, pode-se dizer, *alma* e *corpo.* Nesta hypothese, perdidas na preposição *em* (orthographia errada) *alma* e *corpo* da palavra, isto é, o *radical* e o *suffixo,* esse —*n*— é ũa entidade nova!!...

Abyssus abyssum vocat.

Min com —*n*—, e não —*mim*— com —*m*—; é como se deve escrever: prova-o a orthographia, e a pronuncia da variação feminina do adjectivo pronominal feminino —*min*—*h*—*a*—; onde está intercalado o *signal de aspiração* —*h*—.

En alguas provincias do norte do Brazil (Pernambuco, principalmente) a pronuncia da palavra —*compan*—*h*—*ia*—, e semelhantes se faz com aspiração do —*h*—, e não por nasalação.

Tendo dicto que escrevo com bon fundamento *un* e todos os seos compostos com —*n*— final, parecerá que a variação feminina deveria conservar o —*n*—; e então ter-se-hia de pronunciar —*u*—*n*—*a,* —*algu*—*n*—*a, nenhu*—*n*—*a,* etc.

Aqui *não ha nasalação, mas aspiração* na pronuncia; e por isso deve empregar-se o — *til* —; que é *signal de aspiração*, correspondente, segundo penso, *ao espirito brando en grego*.

E' por isto que se deve pronunciar *ũ-a*, e seos compostos; e não — *u-m-a*, (por que tal — *m* — não existe no ablativo latino — *una*, d'onde u'a se deriva) *algũa, nenhũa*.

Cumpre advertir que en latin, nos adjectivos *bon-us, un-us*, e semelhantes por conteren — *n* — no radical, esse — *n* — não faz syllaba com a vogal seguinte do suffixo — *us* —, — *a* —; e portanto a pronuncia devêra ser aspirando a primeira syllaba, *bon...us, bon...a, un...a*; e tanto isto é verdade, que en Portugal, en alguns logares, se pronuncia *bôn-a* sen junctar o — *n* — do radical ao — *a* — do suffixo.

Já que falei do *til*, o qual apenas dizen os diccionarios ser signal orthographico, não será fóra de proposito dar-lhe a etymologia, que não açhei en parte algua.

Supponho que procede de *tignulum* (varinha), perdida a syllaba média breve, e a final — *um* — tamben breve.

O til não suppre jámais as lettras — *m* — e — *n*; — é *signal de aspiração* (*espirito brando* en grego); ou talvez exerce a mesma funcção que o Anuswara en Sanskrito, que se colloca debaixo do — *m* —, ou sobre o — *n*'.

Pescoço, e *almoço*, que todos os diccionarios escréven d'este modo, (com — ç — cedilhado) não os escrevo eu, attendendo á etymologia. *Pescôsso* ven de *pectus* (peito), e do ablativo latino *osse* (ôsso), perdida a sylaba — *tu* —, e passando o — *s* por adoçamento da pronuncia para juncto da syllaba — *pe* — (*pesc*): o — *e* — final do ablativo latino *osse* mudou-se en — *o* —, terminação quasi universal do genero masculino en portuguez.

Tão verdadeira é esta etymologia, que en hespanhol se diz *pescueso* (*pectus* e *hueso*, ôsso).

A etymologia dada por Constancio á palavra pescosso é de fazer rir; diz que vên de *collum*, *i*, e *bos*, *ovis !*

Almôsso, opina este mesmo auctor, que se deriva de *Al*, artigo arabe (o), *morgen* (manhã, en allemão), e *essen* (comer, en allemão): não obstante, escreve a palavra con — ç — cedilhado; o que é contradicção com a propria etymologia por elle apresentada.

Eu entendo que no vocabulo *almôsso* entra o artigo arabe *al* (o); o adverbio latino *mane* (de manhã), e o verbo latino *esse* (comer).

Açho porén singular que vindo, como vên o substantivo allemão *morgen* do adverbio latino *mane* (de manhã), e o verbo allemão *essen* do verbo latino *esse*, preferisse aquelle philologo a etymologia allemã ao latin, d'onde aquellas palavras evidentemente se derivão.

Escrever portanto *almôsso* com — ç — cedilhado é violar a etymologia.

Çh com cedilha! *Proh pudor!* exclamaráõ talvez os que se sobresaltão com as novidades orthographicas.

O *ch* tên en portuguez úas vezes son duro, outras çhiante. O leitor illitterato, e o estrangeiro não saberáõ de certo, quando devão pronuncial-o d'este ou d'aquelle modo. — Nao vale o argumento dos que dizen que o sentido da phrase guiará o leitor; porque a seguinte proposição, por exemplo, é tão ambigua, como as respostas dos antigos oraculos: « Un grande chôro de crianças echoava por toda a sala ».

Esse — *chôro* — assin escripto, e desprovído de distincção graphica, póde, sen offensa da logica, ser ou o derramamento de lagrymas, ou a reunião de vozes cantantes.

A cedilha porén no *çh* tira toda a duvida; lê-se *çhôro* com son çhiante.

China, e *China*, escriptos sen cedilha, não indicão qual das palavras é o nome da casca Peruviana, e qual o do celeste imperio.

Examinemos agora o valor de — *c* —.

Que o nosso — *c* — vên do χ grego, (ki) parece-me indubitavel. O χ (ki) grego tên son duro antes de qualquer vogal; o — *c* —, que é en portuguez a representação graphica d'aquella con-

soante, tinha tamben nos primitivos tempos son duro, mesmo antes do — *e* — e do — *i* —; tanto que en livros e manuscriptos antiquissimos *ce*, e *ci* se encontrão cedilhados, para exprimir o son brando.

Cahiu depois en desuso a cedilha no *ce* e *ci*, porque en nenhũa palavra portugueza aquellas syllabas se pronuncião duras; sendo por isso superflua a sotoposição da cedilha ao *ce*, e ao *ci*.

O — *h* —, *simples signal de aspiração* (espirito orthographico no grego) vindo logo após o — *c* —, quando se seguen as vogaes — *a* —, — *o* —, — *u* — não faz sentir en portuguez aspiração forte; porque en nossa lingua pouquissimas são as vozes aspiradas, e nessas mesmas é brandissima a aspiração, como — *ba-hi-a*, *sa-hi-a*, que por isso se distinguen de *báia*, e *sáia*.

Expostas estas considerações preliminares, vejamos como e porque o *çh* cedilhado produz son çhiante.

E' necessario ainda notar que a çhamada cedilha outra cousa não é mais, do que o *sigma* (lettra — *s* — en grego, ς), de sorte que o — *ç* — cedilhado adverte o leitor, dizendo: « Este — *c* — não tên son duro, mas sibilante, por causa do — *S* — (*sigma*), que lhe está sotoposto.

Pronuncie-se agora *un son sibilante, aspirando-o ao mesmo tempo*: qual será o resultado?

Sen duvida algũa *un son çhiante?*

O — *ç* — çedilhado vale portanto o mesmo que — *s* — ; e todos os que conhecen a lingua allemã saben que *sch* reunidos fórmão *son çhiante.*

Creio haver justificado o meo modo de orthographar o *ch*, quando deva ter *son çhiante.*

Sôbre todas estas considerações está a de evitar a ambiguidade na pronuncia.

Meo, teo, seo, céo, Deos escrevo etymologicamente com — *o* —, e não com — *u* — ; posto que a ultima reforma no modo de graphar estas palavras julgou ter-se fundado na etymologia, aconselhando escrever com — *u* —.

Escrevia-se outr'ora *Deos, meo, teo, seo, céo, véo,* & com — *o* — ; mais tarde allegou-se que escrevendo-se en latin *Deus, meus, tuus, suus, cælum, velum* com — *u* —, deverião tamben todas estas palavras ser escriptas com — *u* —, e não com — *o* —.

O argumento era especioso, e embaíu até hoje os que se presumen de mais etymologicos na orthographia.

Do ablativo latino, caso *que exprime o maior numero de relações, e por isso o que deveria ser com maior frequencia repetido,* descendêrão quasi todos os substantivos e adjectivos portuguezes: isto é incontestavel.

Depois do ablativo é o accusativo o caso, que dá mais abundante numero de substantivos, e adjectivos portuguezes.

Por consequencia, escrevendo eu a palavra *Deos* com — *o* —, tiro-a do ablativo; quando não queiramos ir buscal-a ao grego *Theos*, que me parece a verdadeira origen; pois que do grego se derivou o substantivo latino — *Deus* —.

Quanto a *meo*, *teo*, *seo*, *céo*, *veo*, *&* tamben do ablativo as faço derivar.

A prova da minha asserção está en que não se escreve — *reino* — com — *u* —, sendo en latin *regnum*, *Pedro* com — *u* —, sendo en latin *Petrus;* *gelo* com — *u* —, sendo en latin *gelu;* *tecto* com — *u* —, sendo en latin *tectum;* e mil outros vocabulos, que todos se escreven en portuguez com — *o* —; posto que en latin sejão escriptos com *u* no nominativo, com excepção de *tribu*, que en portuguez conserva o — *u* — do ablativo latino, por ser este vocabulo derivado do ablativo *tribus*, (en tres) que erão as tres divisões, en que Romulo classificou o povo romano.

E perguntarei: Quen escreverá mais etymologicamente esta phrase: = Perdi meos livros = o que escrever *meos* com — *o* —; ou o que empregar o — *u* — ?

Certamente, quen a escrever com — *o* —; por que en latin se diria — Perdidi libros *meos* —.

Aos que se escandalizarem por ver *pais* escripto com — *s* —, e não com — *z* —, direi que, seguindo eu, como sigo, tanto quanto é possivel, a ortho-

graphia etymologica, deveria empregar — *s* —, e não — *z* — na syllaba final d'aquella palavra.

Todas as linguas derivadas do latin escreven — *país* — com — *s* —: o hespanhol diz *país*, o francez *pays*, o italiano *paese*: por que hade o portuguez usar do — *z* —, e hão de aconselhar tal orthographia os lexicographos, que se dizen etymologicos?

Ou são, ou não são etymologicos no modo de orthographar; não comprehendo essas excepções arbitrarias com violação da etymologia.

A regra orthographica, que manda escrever com — *z* — a syllaba final de um vocabulo, quando aquella é longa, deve ter excepção, si na raiz etymologica da palavra ha — *s* —; por que en tal caso conserva-se o — *s* — etymologico, collocando-se accento agudo na vogal, como en *narís*, (do latin *naris*) *Luís* (do latin *Ludovicus*).

É anti-etymologica essa regra de escrever com — *z* — toda e qualquer palavra, cuja syllaba final é longa; e por isso até hoje se tên erradamente orthographado *país* escrevendo com — *z* —.

Si é verdadeira tal regra, por que com — *z* — não escreven tamben os sectarios de tal orthographia —*produzís*, *traduzís*, *abrís*, *cobrís*, *vestís*, e todas as segundas pessoas do plural do presente do indicativo?

Naturalmente; por que sería contra a etymologia latina: sejão portanto coherentes; pois que a

etymologia de *país* é *patriis*, onde ha o — *s* — final depois dos dous *ii* contrahidos, que fazem a syllaba longa.

O — *z* — medio ou final é quasi sempre a transformação do *x*, ou do — *c* — en latin; *voz*, (vox) *luz*, (lux) *noz*, (nux) *arrôz;* (oryza) outras vezes ven do arabe, por exemplo, *azeite* (da palavra arabe *zeyt*) *azul* (tamben da arabe *azrag*, *ézrag*, *zuruq*).

País vên do ablativo do plural *patriis;* effectuada a quéda do *tr*, a contracção dos dous *i i* torna longa a syllaba; e a quantidade longa é indicada pelo accento agudo, que faz parte, com os accentos grave e circumflexo, da orthographia portugueza, que do grego os herdou.

É raro açhar-se hoje quen na escripta use de accentos orthographicos; omissão, que deve ser castigada.

Os accentos fazen parte integrante e essencial da orthographia portugueza: en grego, en hespanhol, en francez, en italiano não se desprezão, não se dispensão.

Mas a ignorancia, e muitas vezes *a astucia* são causa do desprezo dos accentos; por que accentuando o que escrevêssen, revelarião muĩtos escriptores a sua errada pronuncia: deixão portanto na duvida os leitores, como o fazen tamben alguns lexicographos.

A terceira pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo escrevi sempre com — *u* —; por que en latin nos verbos da segunda conjugação ha — *u* — nesse tempo, modo, numero, e pessoa; e nas outras conjugações, embora não esteja claramente escripta a lettra — *u* —, ainda assin ahi existe transformada en — *v* —, como vestigio do preterito *fuit*.

A anarchia, a contradicção no modo de orthographar, en uma palavra, a incoherencia não reinão sómente entre o povo; os proprios lexicographos, ainda os mais afamados, commétten a câda passo erros palmares de orthographia, violando a etymologia d'aquellas mesmas palavras, cujas origens aponctão.

Undique turbatur...

Era forçoso entrar en todas estas minudencias, que com o sêren, nen por isso são menos importantes.

Os acanhados limites da presente obrinha apenas me permitten esflorar as questões ortographicas, aqui suscitadas, que en obra especial serião cabalmente discutidas.

Ja prevejo o espanto, a grita, e até talvez a zombaria que hão de causar todas estas novidades: não importa; os proprios que se arripiaren, reflectindo, passada a primeira impressão, veráõ que sou coherente; e que não assentei en alicerces arbitrarios a construcção orthographica.

Quaes serão as objecções sérias contra esta orthographia etymologica, e não contradictoria?

Os mais cordatos diráõ talvez: São verdadeiras, são logicas, são convincentes as razões; *mas o uso faz lei;* agora é melhor deixar tudo no *statu quo ante reformationem.*—

O uso faz lei! D'aquella proposição horaciana, en que diz o grande Mestre ser o *uso* o que tên o arbitrio, o direito, e a norma do falar

...Si volet usus,
Quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.

tên-se por modo tal abusado, que interpretando-a en toda a latitude, poder-se-hão desculpar todos os erros do falar, e do escrever, ũa vez que o *uso popular* os vá impunemente repetindo durante seculos.

Todo o tempo é tempo de emendar, de corrigir faltas e erros de qualquer orden: aquella sentença não póde ter a amplitude, a extensão, que se lhe quer dar; sería absurda tal interpretação.

Porque houve homen, que até aos oitenta ou noventa annos peccou, não se ha de corrigir e emendar, *podendo fazel-o,* só pela consideração de que tendo peccado tanto, não importa peccar un pouco mais?...

Na Republica das lettras ha tamben *Auctoridades;* que são os Philologos, os Grammaticos, os Mestres da linguagen.

Essas Auctoridades, pelas leis que decretão, dêven ser respeitadas da plebe insurgente, e ignorante; aliás nessa Republica prevalecerá a anarchia.

Si tudo póde o *uso popular* no modo de escrever, e de falar, não se escrevão mais Grammaticas, não se componhão mais codigos orthographicos : fale, e escreva câda un como lhe aprouver.

Até agora ten-se orthographado a lingua portunueza erronea e contradictoriamente : podendo, como poden, taes erros ser emendados ; nada deve impedir essa emenda e correcção.

Por que en direito se admitte (*iniquidade injustificavel!*) que aquelle que estiver de posse de ũa propriedade *alheia* durante 30 annos, é *legitimo possuidor* pelo facto de a ter gosado todo esse tempo, não se imite na orden litteraria tão absurdo principio, que equivale á affirmação de que a *falsidade por ser de longa data se póde transformar en verdade ;* que os erros orthographicos, e grammaticaes por seculares poden ser considerados acêrtos.

Mas quen ha de tornar effectiva, e fazer respeitada a auctoridade litteraria dos Philologos, dos Grammaticos, dos Mestres da linguagen ?

Nos países, en que as lettras e sciencias fórmão un ramo sério da administração publica, é o Governo, a quen tal tarefa incumbe.

No Brazil porèn que Ministro, aínda o que se presuma homen de lettras, ũa vez envolvido na intriga politica, que lhe occupa todo o tempo, cogita de taes bagatelas? *De minimis non curat Minister...*

Tenho razão de escrever sen observar *conveniencias sociaes.* Propuz-me compôr un *Codigo orthographico da lingua portugueza para o Imperio do Brazil;* un amigo, distincto homen de lettras, sen que eu pedisse, apresentou ao Governo essa proposta, en cuja execução não despendia o Estado dinheiro excedente dos orçamentos.

Mais de un anno se passou, sen que cousa algũa se resolvesse, pedindo eu apenas por tres ou quatro vezes a restituição de tal proposta, que até hoje não me voltou ás mãos.

Si isto succede, sendo Ministros muĩtos d'aquelles, de quen tive a honra de ser Mestre, e que se dizen amigos, o que mais se deve esperar?

Declaro que este desabafo não é filho de despeito, mas de tedio, e mais ũa prova do estado, en que se açha este país, onde tudo é apparencia, e tramoias theatraes.

Nada quero de governos, nen presentes, nen futuros; quer monarchicos, quer republicanos; si o quizesse, ben saberia o caminho para çhegar a esse fin; que entre outros, quasi sempre ignobeis, seria

apresentar-me *folliculario* politico, isto é, *pôr escriptos para vender-me.*

Nada peço, nada quero, nada acceitarei; por que a minha opulencia está solidamente firmada na completa ausencia de ambições mundanas; finalmente por que possuindo como unica nobreza a dos meos sentimentos, tenho por motte do meo heraldico brasão — SOLUS DEUS.

NEOLOGISMOS INDISPENSAVEIS

PARTE I

RECLAME

I

A todos os homens de lettras, que falam a lingua portugueza, foi sempre manifesta a difficuldade de dar n'aquella lingua o termo equivalente á palavra franceza — *Reclame.*

Tinha quasi passado em julgado havermos nós, que falamos a lingua de Camões, necessidade de enxertar no idioma vernaculo aquelle vocabulo exotico.

Mas si o portuguez não possue palavra que traduza exactamente o termo francez *reclame*, porque não formaremos um neologismo, uma vez que venha este *de fonte latina*, conforme o preceito do grande Horacio, que os permittia no latim, derivados *græco de fonte ?...*

Reclame tem, em francez, além de outras, a significação especial, particularissima, de — *annuncio em que se elogia, se engrandece alguma cousa* : *une reclame* é portanto *um annuncio preconisador.*

Sabemos todos que—*preconisar é apregoar exaltando, engrandecendo as qualidades de alguma cousa* ; como o faz o *pregoeiro* judicial, ou o leiloeiro.

Forme-se, pois, com estes elementos uma palavra nova : tome-se o radical—*Precon,* de *præconium*

(em latim voz do pregoeiro); e se lhe agglutine o suffixo—*nicio*—(do ablativo latino—*nuncio*, noticia, annuncio) mudando o—*u*—em—*i*—, e fazendo cahir o—*n*—que precede o—*c*—para adoçamento da pronuncia; e ter-se-ha a euphonica palavra—Preconnicio—, de formação erudita e ascendencia legitima.

Encerrando, como encerra, o novo vocabulo *preconnicio* as mesmas idéas que o termo francez *reclame*, isto é, exprimindo *preconnicio* pelos seos elementos constituintes, *um annuncio preconisador*, um annuncio em que se exalta e engrandece alguma cousa, tem este termo novo portuguez a mesma significação que *reclame*, pelo que perfeita e completamente o traduz.

Os francêlhos e tarecos hão de talvez torcer o nariz; os que o não forem, estranharão ao principio, como succede com a roupa nova, por melhor talhada que seja; reflictam porèm os espiritos desprevenidos; que á força de empregarem o termo novo, acabarão por lhe tirar a estranheza, dando-lhe fôro de cidade, si o julgarem d'isso merecedor.

Moraes (7° edição) traz infelizmente a palavra franceza, ou antes, o vocabulo *reclamo* com o sentido de *reclame* francez.

Não deve ser usado; mas *preconnicio*.

PINCE-NEZ

II

Velhos e velhas, moços e moças, e até crianças, usam de uns oculos, que se fixam sómente no nariz; e não obstante dizer-se que em Portugal e no Brazil se fala a lingua portugueza, no Brazil e em Portugal toda a gente çhama essa especie de oculos —*Pince-nez*; isto é, emprega um termo francez, que *nem em francez, nem em portuguez* dá idéa alguma do fim, a que é destinado tal objecto.

Com effeito —*Pince-nez*,— é vocabulo composto de duas palavras francezas, que unica e exclusivamente significam —*aperta-nariz, belisca-nariz*. Formada com taes elementos, ninguem póde comprehender que tal palavra designa um instrumento proprio para melhorar os defeitos da vista.

Que os francezes conservem lá o seo pessimo neologismo (podendo ter creado o termo — *Nez-lunettes*), não nos deve importar; mas, que adoptemos nós outros essa palavra, a qual, além de exotica, não exprime absolutamente a serventia do objecto, isso é que não.

Crèe-se, pois, um neologismo, porque assim é indispensavel; e em vez de *Pince nez, que nem em francez, nem em portuguez* dá idéa alguma de oculos, mas apenas e sómente significa *cousa que aperta o nariz, belisca o nariz,* diga-se *Nasoculos* (do ablativo latino *naso,* nariz, precedendo ao vocabulo portuguez *oculos*).

Ninguem, ao ouvir a nova palavra, deixará de perceber que se fala de *oculos* fixados no *nariz*; mas vingará o termo expressivo *Nasoculos ?...* A palavra é euphonica, curta, de ascendencia legitima e nobre; em summa, indica exacta e perfeitamente o fim e emprego do objecto.

Nada portanto de hesitações; quebre cada qual o seo *pince-nez,* por ser de *pechisbeque*; que eu de graça offereço *Nasoculos* de ouro de lei, productos da industria nacional philologica.

Nasoculos só se emprega no plural; não se deve dizer: *nasoculo.*

CACHE-NEZ

III

Atravessamos rigoroso estio; calamitosa secca ameaça produzir funestissimos resultados; não cahem çhuvas abundantes; o frigido sudoeste não açouta montes, nem valles; capas, mantas e capotes estão por consequencia actualmente sem prestimo; jaz no fundo da gaveta o *cache-nez*.

O *cache-nez?...* Mas por que hei de eu usar de uma palavra franceza, si estou falando portuguez?... Responder-me-hão que é por não haver outra, que lhe corresponda na lingua de Camões.

Nada; quando *uma filha* não tem, por exemplo, *çhale* para se resguardar do frio, pede-o *á sua mãe*, e não a estranhos.

Não tem a lingua portugueza palavra equivalente em tudo a *cache-nez?* Pois peça *á sua mãe*, que é opulentissima, e na lingua latina açhará logo promptinho o *focále*, manta de lã usada pelos antigos romanos, com a qual cingiam o pescosso, e se resguardavam do frio, como se lê em Horacio e Marcial.

Troque portanto cada um o seo *cache-nez* por um *focále*, que é palavra euphonica e exprime exactissimamente os usos do *cache-nez*.

Não passou todo inteiro da lingua persa para o portuguez o vocabulo *çhale ?...*

Porque não poderá passar tambem, e com maioria de razão, da lingua latina para a sua primogenita o termo *focále ?...*

Reine, pois, o *focàle* romano, e acabe-se a moda franceza do *cache-ncz*.

Quando entrar o hynverno, hei de dar o exemplo; sahirei com o meo *focále*, collocarei os meos *nasoculos*, e não se julgue que é isto um *preconnicio* d'estes neologismos; hão de ver.

NUANCE-NUANCES

IV

Era de verão: o thermometro marcava 35°; o calor abafava; o céo estava quasi negro; nuvens espessas e carregadas de electricidade despediam scentelhas deslumbrantes, seguidas de estrondosos trovões; a çhuva em torrentes alagava praças e ruas!...

Durou, porèm, só tres quartos de hora a tormenta, que foi pouco a pouco amainando, quando de repente mostrou-se esplendido aquelle meteóro, que o legislador hebreo indicou ao seo povo como signal de alliança entre o céo e a terra, e promessa inquebrantavel de não haver segundo diluvio.

Sem periphrase, os raios do sol poente esbatiam nas nuvens ralas, e desenhava-se um immenso e lindo arco-iris.

Mas ao que vem esta descripção de uma tempestade, terminando com a apparição do arco-iris?...

Para fazer comprehender o que os francezes çhamam —*Nuance*— no singular, e —*Nuances*— no plural, pareceu-me melhor exemplificar, do que definir o termo, que encerra idéas complexas.

No arco-iris aquella fusão quasi insensivel, e habilmente manejada pelo divino Artista, dos differentes tons da luz; aquella gradação de côres; aquellas differenças delicadas e subtis; emfim, aquella transição imperceptivel de uma para outra côr, eis ao que muito acertadamente chamam os francezes —*Nuance, Nuances.*

Ha n'essa artistica combinação de côres como que *uma duvida,* que consiste em não se poder definir com exactidão onde morre uma, e onde nasce outra côr: a nuvem, ou nuvens reflectoras dos raios do sol apresentam n'esse phenomeno meteorologico um *colorido dubio,* ambiguo, que deleita a vista, deixando *duvidosa* a discriminação dos limites de cada côr.

Entremos agora na anatomia philologica. Foi para exprimir essa *discriminação duvidosa* das côres, que formaram os francezes a sua bella palavra — *Nuance, Nuances*. tirando-a das duas latinas — *Nubes,* (nuvem) e —*anceps*— (duvidoso).

Ao vocabulo *Nubes* cortaram a ultima syllaba (*bes*), reduzindo-o ao prefixo —*Nu*—; e do adjectivo latino—*anceps*—supprimiram no singular o —*ps*—, e no plural somente o—*p*—; de modo que ficou em francez—*Nuance*—no singular, e *Nuances* no plural.

Não ha impugnação possivel contra esta etymologia, muito diversa da que dá Bescherelle, fa-

zendo provir do verbo latino, —*mutare*— (mudar) a palavra *Nuance*, por que antigamente se dizia *Muance;* mas não explica d'onde vem o suffixo *ance*.

Não tinhamos em portuguez vocabulo, que exactamente exprimisse as idéas complexas de *Nuance* e *Nuances;* que deveriamos então fazer?... Nada mais simples: formarmos tambem nós, que falamos a lingua, *que com pouca corrupção se crê latina*, uma palavra que signiflcasse exactamente todo esse conjuncto de idéas contido no termo francez —*Nuance*. E para que não haja duvida alguma de que o neologismo portuguez traduz as mesmissimas idéas que — *Nuance* em francez, engendremol-o com os mesmos elementos latinos, que serviram no francez á formação de *Nuance*, isto é, com as palavras latinas—*Anceps* (duvidoso) e *nubes* (nuvem).

Corte-se o —*ps*— de *Anceps* (*Ance*), dando a *nubes* o suffixo —*io*—; e teremos *Ancenubio;* palavra doce, suave, euphonica, que de mais a mais tem já em portuguez por parente consanguineo — *Connubio* (formado de *cum* e *nubes*).

Fabricado com os mesmissimos elementos que *Nuance*, o vocabulo *Ancenubio* diz sem a menor discrepancia tudo quanto os francezes exprimem com o termo *Nuance*.

Está, portanto, *não cortado, mas perfeitamente desatado* o nó gordio: não mais arrancarão os cabellos os traductores, quando se lhes deparar a palavra *Nuance* ou *Nuances;* por isso que fielmente a podem traduzir por *Ancenubio* ou *Ancenubios*.

ABÂT-JOUR

V

Assim como no homem o organismo indica, por certos signaes, as perturbações do rythmo normal das funcções physiologicas, do mesmo modo o corpo social por certos symptomas revela tambem as alterações mais ou menos graves que o affectam.

O desapêgo, a indifferença e até a aversão aos vocabulos e construcções da lingua vernacula, com manifesta predilecção dos barbarismos, é um triste symptoma que traduz funesto desamor ás cousas da terra natal.

O povo, que começa por preferir o barbarismo, acaba por dar prova de falta de patriotismo. A linguagem é a imagem viva da patria.

Portugal e Brazil, paises, cuja lingua é filha primogenita da latina, são d'isto vergonhoso exemplo.

Desprezam-se as palavras portuguezas, empregadas pelos mestres da lingua, e vão pseudo-litteratos de companhia com o povo, cujo gosto corrompem, affagando e namorando termos barbaros,

com criminoso desdem dos vocabulos nacionaes, suaves e euphonicos

......não sabidos
Das orgulhosas boccas dos sycambros.

Conhecem todos certo apparelho de papel, ou de vidro opaco, com que se cobrem os lampeões para diminuir a intensidade da luz: os francezes çhaman-n'o, e bem, *Abât-jour.*

Este neologismo francez, creado pela necessidade de dar nome ao dicto apparelho, repete-o tanto o portuguez como o brazileiro, e com muĩto gosto só pelo simples facto de ser palavra franceza.

Por que não traduziremos nós o tal—*Abât-jour*—por *Lucivéo*, ou *Lucivélo?* Não é esse apparelho exactamente *um véo da luz?*

Cahirá no ridiculo, só porque é formado das palavras latinas—*luci*, de *lux*, *ucis*, luz, e de—*velo*—ablativo de *velum*, *i*, véo?...

MEETING

VI

Depois de haver declarado guerra á França, declaro-a agora á Inglaterra; mas não dou os passaportes ao representante da velha Albion.

Passada a épocha infantil da humanidade, quando ao tutelar governo dos Patriarchas succedeu o dos Juizes e dos Reis, quando, finalmente, a collectividade humana chegou á idade em que se julgou emancipada, e, no pleno gozo *sui juris*, começou o povo a tomar a iniciativa na direcção dos publicos negocios, impoz-se á autocracia.

Esta tendencia data dos mais remotos tempos da Grecia e Roma. Por varias vezes e em diversos paises, uma das forças era n'essa lucta constante vencida pela outra; e, ora o rei, ora o povo governava.

Em vão engenhosas ficções, no intuito de conciliar ambos esses elementos de dominação, têm tentado estabelecer um equilibrio permanente: o povo, como as ondas do vastissimo oceano recuando diante das moles, que se lhes oppôem, para em outro poncto se elevarem na razão directa

da pressão, o povo busca sempre erguer-se, como a labareda, que abafada por um momento, irrompe logo depois mais colossal e magestosa.

Mas que máo costume tenho eu! Ia já deslizando para o terreno da historia politica e social das nações...

O que tem tal historia com o neologismo, de que se vae tractar, perguntará talvez o leitor?...

Eu respondo: *Meeting*, palavra ingleza, adoptada pelos francezes, posto que significa—*reunião —ajuntamento*,—tem quando empregada em inglez, em francez *e até na propria lingua portugueza* (!), a especial accepção de *uma reunião do povo, quasi sempre, ou antes, sempre convocada por orador, que se dirige ás massas populares para tractar de assumptos politicos ou sociaes.*

Por muito natural associação de idéas correram dos biccos da penna para o papel aquellas considerações geraes sobre essa lite mais ou menos pacifica, entre o povo e os autócratas.

Ouve-se por toda a parte repetir o britannico vocabulo—*meeting*—; e eu que açho não termos necessidade de pedir emprestadas palavras ao inglez, (quando penso até que bem lhe poderiamos pagar os capitaes que nos têm adiantado) vou tambem convocar um *meeting* para a abolição do *meeting*.

Supponhamo-nos por um momento na praça publica; milhares de cidadãos, como uma basta

floresta, agitando a cópa (a cópa dos çhapéos), esperam anciosos a çhegada do orador; eil-o que se ergue d'entre a multidão, como um poeta grego imaginaria Neptuno emergindo das ondas, mas sem tridente.

Ouçamol-o. — « Meos senhores, agradeço-vos primeiro que tudo vossa animadora presença. Serei breve; *esto brevis, et placebis*—é preceito do grande mestre do bom gosto poetico.—A materia, com que vou occupar vossa attenção, não póde de modo algum sobresaltar a policia: não tenho necessidade de invocar em meo favor o direito, que as leis me outorgam de expor o meo pensamento; porque o assumpto é altamente patriotico, e mais que tudo, porque não attaca, não fere interesses de ordem alguma, quer social, quer politica.

Eu pretendo, meos senhores, que me ajudeis no empenho de banir um estrangeiro, *um inglez*, um intruso, que se quer nacionalizar, conservando, porèm, o capricho de falar só inglez.

Esse inglez çhama-se *Meeting*; metteu-se em França, e quer agora do mesmo modo asylar-se em nosso país.

Entretanto, senhores, um individuo desconhecido ainda de vós, mas de legitima e nobilissima ascendencia, deve em minha opinião occupar o logar que indevidamente é por esse inglez occupado. Esse desconhecido, que apezar de sel-o, é illustre,

çhama-se *Concião.* — Sua mãe, rica e sabia matrona, tinha o nome de *Concio* (*Concio, concionis*); porque por seo intermedio era que se convocava *a assembléa popular, a reunião do povo para a discussão de assumptos politicos e sociaes.*

Prometti ser breve: devo cumprir a promessa. Vós, intelligentes e illustrados, assás comprehendereis, pelo que vos acabo de dizer, que *de hoje em diante* não mais se falará no tal inglez *Meeting: Concião,* só *Concião,* e, quando fôr preciso, *Conciões* tem de substituil-o. (Appoiados prolongados de toda a *Concião;* todos agitam os lenços e çhapéos, gritando: Abaixo o *Meeting!* Abaixo o *Meeting!* Viva a *Concião!* Vivam as *Conciões!*)

O orador desce, e abraçado pelo povo, vem em conversa fazendo ver que, por exemplo, quando se diz ou escreve —*Direito de reunião*— a palavra reunião não dá idéa perfeita e completa da especie d'essa reunião; cousa que a propria palavra *meeting* mesmo em inglez não exprime, sinão por tacita convenção; entretanto que *concio, onis,* significa exactamente *reunião do povo convocada por orador para fim politico ou social.*

E a um que lhe observou ser mais um nome em —*ão*—, desinencia que o mimoso purista açhava dura, respondeu, e muito bem:

— Essa desinencia já foi mais dura; no antigo portuguez era, como no hespanhol, e francez

ainda hoje é *—on;* dizia-se *coraçon,* abrandado para *coração.*

Não ha dureza na desinencia *ão;* esta desinencia é um justo meio termo entre o *on* hespanhol e francez (linguas, de que muito gostam os francelhos) e o *one* latino e italiano. Não é o portuguez a unica lingua, em que ha esse suffixo; os Suabios (Allemanha) têm exactissimamente a mesma terminação *ão* para muitas palavras.

E' dura a palavra *Concião?...* E não temos em portuguez o vocabulo *Ancião,* tão semelhante a este neologismo? — Os bons diccionarios portuguezes trazem, todos elles, o verbo *concionar,* (fazer discursos em publico) *concional* (pertencente á assembléa popular) *concionatorio* (relativo á assembléa popular).

Meeting deve ser d'ora em diante substituido pelo substantivo feminino *Concião, Conciões.*

APLOMB

VII

(Dialogo)

— Vae de vez acabar de *aplomb* a moda;
Si é portugueza a lingua, em que escrevemos,
Si patriotas somos e puristas,
D'inuteis francezismos nos deixemos.

Quem a lingua não préza, em que primeiro
De *Mãe* balbuciou o nome sancto,
E' ser excepcional, é filho ingrato,
Não conhece da patria o doce encanto.

— Com que *aplomb* corrigir nossa linguagem
Quer, meo doutor, por mestre s'inculcando!...
Porventura já tem nome de classico,
Para dizer: « Eu quero, eu posso, eu mando »?!...

Aplomb não se traduz; esta palavra
D'idéas mil um mundo representa;
Outra mais expressiva, mais suave
Na lingua de Camões não me apresenta.

Não sei por que fugir todos procuram
D'imitar o francez !... Não sei que mal
Provenha de empregar gallicos termos,
Si é de Racine a lingua universal...

Aplomb !... que lindo termo !... Apósto e juro
Que por melhor que seja o neologismo,
Não ha de a força tér que *aplomb* encerra,
Aplomb que o doutor diz ser gallicismo.

— Meo illustre francelho, eu não discuto
Com quem só das palavras se namora,
Porque uma ou outra a seos ouvidos duros
Pareceu deleitar por ser sonora.

Aplomb é um cordel, que tem na poncta
De *chumbo* uma pyramide pequena ;
Que nos mostra si a tábua, si a parede
Estão na vertical, si têm empena :

D'ahi foi que o francez por translação
Ao termo deu sentido figurado,
Dizendo ter *aplomb* o que se mostra
Direito e firme, emfim, *desempenado*.

— Sabe muito o doutor ; eu reconheço ;
A sua explicação me satisfaz ;
Porém de dar a *aplomb* equivalente,
'Stou bem certo, doutor, não é capaz.

— Quer então que eu lhe diga com que termo
Hei de *aplomb* traduzir?... E' bem pequeno
O trabalho que dá-me de vertêl-o;
Aplomb em portuguez é *desempeno.*

Aplomb prumo se diz, quando instrumento;
Por nome tal conhece-o toda a gente;
— Mas *aplomb,* meo doutor... — Senhor francelho,
Eu termino a questão incontinente.

Aplomb é *prumo;* mas si por figura
O emprega falando o que é francez,
Traduzindo em tal caso essa palavra,
Desempeno será em portuguez.

O natural sentido e o figurado
Exprime-os o francez c'uma palavra;
Nós, porém, para ambos possuimos
Dous vocabulos, *dous*; e de aurea lavra.

AVALANCHE

VIII

A preguiça, ou antes o depravado gosto de enxertar na lingua portugueza palavras de idioma estrangeiro, tem levado certos lexicographos menos escrupulosos a inserir nos diccionarios—*Nuança*, *Reclamo*, *Avalançha*, *Lançhe*, *Comité*, e quejandas, que infelizmente se encontram na 7.ª edição de Moraes e no diccionario *contemporaneo* de Aulette.

Não quizeram, ou não puderam crear um neologismo, que as traduzisse, e foram por sua conta e risco introduzindo vocabulos barbaros, dos quaes alguns até na propria lingua, d'onde os transplantaram, são de pessima formação·

Çhamam os francezes —*Avalanche*— *a móle ou massa enorme de neve que das montanhas se despêga, e corre, precipitando-se para o valle.* São estas todas as idéas contidas no termo francez *Avalanche*.

Façamos agora a dissecção da palavra, e açharemos os elementos latinos *Ad* (para) *vallem* (valle) e *lance* (do verbo francez *lancer*, lançar); os quaes, perdidas as lettras —*d*— de *Ad* —*llem*—

de *vallem*, e accrescentado por corruptela popular um — *h* — depois do — *c* — de *lance*, produziram — *Avalanche*.

Taes elementos significam portanto —*lança para o valle*; mas a idéa principal, que é a de *neve*, não apparece nem transparece na palavra formada, que exprime, por consequencia, incompletamente esse phenomeno physico.

Não obstante tão deficiente formação, querem nacionalizal-a.

Eu proponho para traduzir *Avalanche* o neologismo *Runimól*.

Aqui encontrar-se-hão os elementos principaes do termo, que perfeitamente indicam o phenomeno. *Ru*, (do verbo *ruere*, ruir, correr precipitadamente) *ni* (de *nix*, *nivis*, neve) *mól* (de *moles*, *is*, móle, massa). *Runimól* exprime portanto completamente a idéa complexa *de uma móle ou massa de neve que rue, que se precipita*; é até uma palavra onomatopica.

A circumstancia de não ser indicado o *valle*, para onde corre e se precipita a massa de neve, é secundaria; não ha necessidade de consignal-a, por ser evidente que uma massa de neve, que se despenha das montanhas, não póde correr, *sinão para baixo*, *para o valle*.

Será tambem ridiculo *Runimól*, só porque vem do latim?...

Este latim, este grego são dous espectros, que amendrontam os tarelos ou tarecos; (de ambos os modos escreveu Filinto Elysio) e com razão, porque com os primeiros nunca tiveram os segundos relações de amizade, nem mesmo conhecimento de vista.

Vá mais este termo novo, para servir de mófa; mas fiquem sabendo os francelhos que um moço, (que parece antes pertencer á geração passada do que á presente) tanto gostou do neologismo, que de proposito sobre este assumpto escreveu uma poesia, onde intercalou a seguinte redondilha :

Çhega ao zenith elevado,
Ardente, brilhante sol;
Sobre o valle se despenha
Gigantesco *runimol*

MENU

IX

Nobres e plebêos, ricos e pobres, sabem que nos sumptuosos banquetes, ou nas casas de pasto de alta ou de mediocre categoria, çhama-se afrancezadamente *Menu* a lista das viandas, das iguarias, emfim, o rol dos manjares.

Desculpam-se do barbarismo todos os que o empregam, por não existir em portuguez palavra que exprima o que *Menu* francez significa.

Mas a verdadeira e genuina significação de *Menu* é *miudo*, e essa palavra foi por convenção admittida para substituir esta ou outra phrase semelhante: *almôsso, jantar ou ceia, descriptos pelo miudo, minuciosamente.*

Já no artigo *Focale* (antigo *cache-nez)* eu o disse, e ficará para sempre entendido que todas as vezes que em portuguez não tivermos termo para exprimir alguma cousa, que em lingua estranha seja expressa por palavra especial, recorramos ao grego, ou ao latim, formando um neologismo; ou com os elementos do nosso proprio idioma creêmos um novo vocabulo em condições convinhaveis.

O vocabulo latino *charta* (papel), reunido ao substantivo *daps, dapis* (comida, iguaria, manjar), póde produzir e produz, com as modificações que a euphonia requer, um termo muito mais expressivo do que o *Menu* francez.

Diga-se portanto *Chardapio* (cardapio), isto é, *papel, lista das comidas, das viandas.* N'esta palavra, formada pela intima soldadura das duas latinas *(Charta,* e *daps, dapis),* estão perfeitissimamente contidas todas as idéas, que de um modo elliptico buscaram os francezes exprimir com o seo vocabulo *Menu.*

No intuito de mais depressa attrahir a sympathia para este neologismo, lembrarei que os francezes çhamam tambem a essa lista *Carte,* cuja origem latina é *charta.*

« *Garçon, donnez-moi la carte* », ouve-se a cada passo dizer tanto o francez, como o brazileiro, o portuguez, ou qualquer outro estrangeiro.

Em conclusão; não se peça mais ao moço o *Menu,* nem a *Carte*; mas o *Chardapio* (cardapio), que é por todos os motivos preferivel ao *Menu.*

LUNCH OU LUNCHEON

X

Vivemos nós brazileiros em grande illusão; julgamos ter feito nossa independencia politica e social, ser um povo autonomico; e tal não ha...

Que importa termos leis, auctoridades, parlamento, relações com os povos cultos por intermedio de nossos representantes, e de toda essa hierarchia que constitue o corpo diplomatico e consular do imperio brazileiro?...

Que importa possuirmos um exercito denodado, uma marinha briosa e valente, columnas em que repousa a segurança da patria contra aggressões exteriores?...

Poderemos, porventura, affirmar que o estrangeiro não nos tem invadido, que não nos vae despercebidamente avassallando, embora não estejamos desapercebidos?...

Nossos usos, nossos costumes locaes, nossas patrias recordações, nossas festas populares, onde, onde as encontramos hoje?...

Tudo está mudado! As crianças de hoje não sabem o que era o *presepe*, mas só conhecem a

ARVORE DO NATAL, que as crianças d'outr'ora, velhos de agora, nunca viram no Brazil.

O Brazil, esta criança de 389 annos de idade, esqueceu, desprezou, trocou todos os seos brinquedos pelos brinquedos das crianças européas, que dando prova de mais juizo os foram sempre conservando até á provecta idade, em que se açham.

Não é isto uma sorrateira invasão?...

Nossos velhos acordavam antes do romper d'alva; tomavam a costumada çhicara de café; ás 7 1/2 e, quando muĩto, ás 8 horas almossavam frugalmente; ao meio dia ou pouco depois jantavam; ás 8 horas da noite ceiavam. Entre o jantar e a ceia tomavam uma leve refeição çhamada *merenda* (de *merî* meio-dia e *inde* depois).

Hoje o almôsso é ás 10 ou 11 horas, e ás vezes mais tarde, quasi ao meio-dia; o jantar ás 6 ou 7 horas da tarde, de sorte que o *almôsso hodierno* é, por assim dizer, o *antigo jantar*, e o *jantar moderno* — a *ceia* dos nossos velhos.

Entre o *almôsso de hoje* (antigo jantar) e o *jantar d'agora* (ceia dos antigos) faz-se o *lunch ou o luncheon;* isto é, toma-se uma refeição mais ou menos leve á 1 1/2 ou 2 horas da tarde.

Dos costumes, habitos e usanças para a linguagem a distancia é só de um passo.

O que é este *lunch* britannico, sinão a *merenda* portugueza?...

Que necessidade ha de tal palavra exotica?

Por desgraça ha diccionarios (o do Sr. Aulette, por exemplo!) que já trazem *lanche* significando leve refeição, *lanchar*, e até a propria palavra ingleza *Lunch!* Que parvoice! Que bobagem! Que philadvenismo!

O que admira é que gente que nunca aprendeu inglez, saiba esta e outras que taes palavras, e ignore os termos mais communs da lingua nacional correspondentes aos *britannismos*.

Colloco impropriamente este artigo sob o titulo *Neologismos*, porque a palavra *merenda* nada tem de nova; mas tal é a perversão de nossa linguagem actual, que para muitos ha de o velho vocabulo *merenda* parecer novidade.

PIC-NIC (inglez) PIQUENIQUE (francez)

XI

Não é possivel agradar a todos; cada um tem seo modo especial de vêr e apreciar as cousas; o que para uns é bom, para outros não presta.

Com estes neologismos, que vou aqui forjando, conforme posso, o mesmo acontece: uns têm apologistas e defensores, outros adversarios e oppositores.

Publíco uma palavra nova, fórmo-a com todo o cuidado, buscando os melhores elementos; procuro tornal a euphonica; mostro que é mil vezes mais expressiva que o intruso barbarismo; e quando penso que ha de o vernaculo representante do pensamento ser acceito e bem recebido, ahi vejo os estacionarios torcerem-ihe o nariz, e dizerem: « *Não açho boa, não sympathizo com a nova palavra*, etc. »

Que hei de fazer?... Lembro me então de que Victor Hugo, si me não engano, disse que o *homem é a criança grande*. Ora os neologismos são individuos inteiramente desconhecidos, apparecem pela primeira vez, são *caras novas;* não admira, portanto, que as *crianças-homens* os *estranhem* e,

lhes voltem o rosto. O remedio é ir fazendo apparecer com a maior frequencia possivel, e tornar familiares os taes novos personagens, para que assim lhes percam a antipathia *as crianças estranhonas*.

Quando aqui n'este bello Rio de Janeiro, em tempos idos, havia entre as familias laços mais estreitos de sincera amizade; quando a Tijuca, Andarahy, Sancta Theresa, Cosme Velho e outros suburbios não estavam ainda transformados em luxuosas cidades, ornadas de ricos palacetes, com grave prejuizo da saude publica pela devastação das florestas; em summa, quando, ha meio seculo, essas familias se reuniam para uma diversão campestre n'aquelles logares, era costume escolher cada um a especie de vianda, com que contribuia; ou, o que menos vezes succedia, dar a sua quota em dinheiro. Çhamava-se esta excursão familiar, assim organizada—*Conta do Porto*.

A *Conta do Porto* de outr'ora é o *Piç-nic* de hoje; mas Deos me livre de restabelecer esta velharia... Demais, estou propondo neologismos, e aquella locução é já um archaismo.

Sem mais preambulos; — *Convescôte* — póde e deve substituir o tal *Pic-Nic* inglez ou *Piquenique* francez.

Ah! que si tivesse sido eu o da idéa de introduzir o termo *Piquenique*... O que se não diria?!... Até talvez se lembrassem da açhal-o semelhante *ao*

diminutivo de um dos utensilios caseiros proprios para crianças... Mas como é inglez, e mais que tudo, porque foi adoptado pelos francezes, *Pic-Nic* ou *Piquenique* é optimo.

Em portuguez, desde seculos que existe a palavra *escóte*, a qual significa *quinhão dado por cada um para a despesa:* temos a palavra tambem portugueza *convivio*, festim, festa familiar (de *convivium, ii*, latino). Com estes dous elementos se forma muito natural e euphonicamente *Convescóte*; termo assás expressivo da idéa, que não traz á lembrança cousa alguma ridicula; é sómente *cara nova*, e por isso talvez as *crianças o estranhem.*

CARNET

XII

É o bello sexo, o sexo encantador, com quem tenho agora de me entender; tarefa melindrosa e gratissima, da qual não sei como me hei de gentilmente desempenhar. Gentilmente, escrevi eu; palavra que me desperta a lembrança de que hoje muito a empregam os que falam e escrevem portuguez, parecendo mais ser italianos; porque são estes os que de tal vocabulo maior gasto fazem. Isto é apenas reparo, não censura; que só o será, quando a *gentil* palavra, por demais dicta e redicta, se transforme em vicio de locução.

Est modus in rebus; as cousas têm seos limites. Ah! esqueci-me de que me dirigia ao bello sexo; que não gosta do latim por ser velho, e çheirar a môfo. Vão agora tambem quatro palavrinhas francezas, para ser absolvido do peccado: *Pardon, mesdames, et demoiselles.*

Disse eu que ia dirigir-me ao sexo encantador; vou cumprir o que disse, começando por lhe contar uma aventura, não romantica, que em um baile semi-aristocratico me succedeu.

Dançava-se, conversava-se, passeiava-se, reinava nos salões geral alegria; toda a casa estava solarmente illuminada, (para não commetter o *italismo* A GIORNO), e mais de uma vez, pela distancia em que me açhava, pareceu-me ouvir pronunciar a palavra *carneiro.*

Sem poder atinar com o motivo, por que em diversas rodas tal palavra se proferia, ou pelo menos se me affigurava ouvil-a, çhegado o momento de offerecer o braço á dama, a quem tinha pedido a honra de dançar commigo, travei, como pretexto de encetar colloquio differente das semsaborias costumadas em taes reuniões, o seguinte dialogo:

— Vou fazer a V. Ex.ª uma pergunta, que talvez pareça indiscreta.

— O doutor *é bastante illustrado para não fazer* perguntas indiscretas.

Não me agradou nada a construcção da phrase, que é franceza *pur sang;* mas não tive remedio, sinão engolir o peregrinismo, e continuei:

— Mais de uma vez ouvi n'aquella extremidade do salão falar-se em *carneiro.*

— Em *carneiro*, doutor? Não posso comprehender.

— Dizia aquella senhora (e designei a pessoa)... Foi por que perdi o meo *carneiro.*

— Ah! percebo agora, doutor.

— Portanto póde...

— Posso dizer-lhe o que é; não foi *carneiro;* o doutor não ouviu bem.

— Então, o que foi?

— Foi *carnet:* foi *carnet,* o que o doutor pela distancia, em que estava, suppoz ser *carneiro.*

— Agora entendo menos.

— Como? Pois o doutor não sabe que *carnet* é...

— Perdão, minha senhora; eu sei que *carnet, palavra franceza, significa livrinho de lembranças, em que os homens do commercio, os negociantes, os banqueiros, os corretores marcam os dias de vencimentos de letras, e outras transacções.*

— Mas nos bailes, doutor, o livrinho, em que se toma nota das quadrilhas, que se têm de dançar com este ou aquelle par, tambem se çhama *carnet.*

— Açho muito improprio, minha senhora. Será porque a promessa de dançar seja tão solemne, como a do pagamento de uma letra? Não serve esse livrinho para ajudar a memoria dos bailistas?

— É exactamente para isso, doutor.

— Então, çhame-se *canhenho,* termo genuinamente portuguez, e que significa *livrinho de lembranças:* nada mais simples.

— Mas é tão feio, doutor...

— Pois adopte-se então um neologismo.

— E qual ha de ser, doutor?

— *Choribel* (coribel), minha senhora.

— Ora, isso é latim.

— Não é tal, Ex.ma: *choréa* é, como V. Ex.a não ignora, palavra portugueza, e significa *dança;* a terminação — *ibel*, é do termo *libello* — palavra latina, é verdade, que quer dizer *livrinho.*

— Então, doutor, *Choribel* é o livrinho do baile, o livrinho das danças?

— Sim, minha senhora; e si não quizer dizer *canhenho*, *choribel* exprime exactamente o fim a que é destinado o livrinho; não é difficil de pronunciar, e...

— E eu acho a palavra bonita, bem bonita; prometto-lhe, doutor, que d'aqui em diante não hei de dizer mais *carnet*, mas só *choribel.* Oh! *choribel* é bem bonito.

N'este momento rompeu a orchestra, e eu com o meo *gentil* par comecei a *chaine anglaise.*

TOURIST

XIII

Entre portuguezes e brazileiros não se tem tanto, como nos filhos da Gran-Bretanha, desenvolvido o gosto das viagens, e principalmente das viagens de recreio, de divertimento.

Parece que áquelles insulares, que na opinião de Virgilio estão *pœne toto divisos orbe Britannos*, muito incita a bossa da locomoção; pois que por simples gosto viajam, e por se divertirem fazem algumas vezes o gyro em torno do nosso planeta.

Alguns até, possuidores de avultados cabedaes, fazem esse gyro em navio proprio, e gozam dos variados espectaculos, que lhes offerecem as varias terras que percorrem.

E' em virtude d'este gosto especial que elles crearam o neologismo *tourist*, para indicar aquelle que viaja, que passeia por prazer, por divertimento, emfim, com o intuito de recrear-se.

Os francezes admittiram a palavrinha, tanto mais que a radical *tour* lhes fez lembrar o *tour de promenade* (passeio).

A nós, porém, o mesmo não succede; e porque, quando encontrarmos o vocabulo *tourist*, não

o deveremos transportar em corpo e alma para nossa linguagem, inutil não açho propor um neologismo, que substitua o citado *britannismo*.

Estranhem ou não as *crianças-homens*, hei de apresental-o; e quem o ouvir sem prevenção, não lhe voltará a cara.

Por que não será *ludambulo* em portuguez, o que em inglez se çhama *tourist?*

Já estou vendo em alguns a testa franzida, os labios estendidos, signaes de desapprovação.

Meos senhores, *ludus* significa *divertimento, recreio, passatempo*; o suffixo *ambulo* é o verbo que significa *passeiar*.

Não póde ser mais natural a formação do neologismo; mas dir-me-hão: *ludambulo...*

— Nada ha que dizer contra o novo personagem; elle é parente proximo, e muito proximo, de outros que gosam da estima geral.

Não conhecemos todos nós o *funambulo*, o *somnambulo* e o *noctambulo?...* Pois *ludambulo* é primo irmão dos tres; e eu tenho a honra de o apresentar, esperando que despeçam o inglez *tourist*, admittindo desde já em logar d'aquelle o vernaculo *ludambulo*.

PARVENU

XIV

Tão desnecessario é o emprego de vocabulo estrangeiro, havendo na lingua vernacula palavra que perfeitamente o traduza, como indispensavel a creação de termo equivalente ao do idioma estranho, quando não o tenhamos no nosso vocabulario.

O termo francez — *parvenu* — está n'este ultimo caso.

Çhamam os francezes —*parvenu*—aquelle que, de origem obscura, DO NADA ÇHEGOU, por capricho da Fortuna, á alta posição pecuniaria.

Não ha em portuguez palavra que exprima este conjuncto de idéas.

Não póde, portanto, ser mais justificavel a creação de um neologismo, que abranja as circumstancias por aquelle vocabulo indicadas.

O *parvenu* é sempre empregado á má parte; é sempre considerado um filho da Fortuna, indigno dos favores da deosa céga.

É de duas o menor numero de palavras, com que em portuguez o traduzem os lexicographos—

filho da Fortuna—; mas em vista da explicação que acabo de dar (e que é a do *Diccionario da Academia*), não bastam aquellas duas palavras para bem se comprehender o que é um *parvenu.*

Entre nós brazileiros formou o povo um neologismo (só quanto ao sentido) empregando a palavra—*felizardo—,* para dar idéa de pessoa que é feliz sem merecel-o.

Mas esta creação popular não satisfaz ainda, por ter o inconveniente de ser vocabulo homonymo de nome proprio de homem, e não exprimir a idéa de individuo, que *do nada surgiu á opulencia.*

Ha tambem outra expressão popular, que mais se approxima do sentido do *parvenu* francez; e é — *um larangeira, páo de larangeira.* São porém traducções, que só em estylo familiar se empregam.

Vou portanto apresentar um termo inteiramente novo, que em minha opinião verte com toda a exactidão o *parvenu* francez.

Eil-o: *Plutenil.* Será elle tambem um *parvenu* entre os vocabulos da lingua portugueza?...

Penso que não; e começarei a justificação mostrando que o formei de uma palavra grega, e duas latinas.

Plutenil, applicavel aos dous generos grammaticaes, é engendrado de *Pluteó* (ser rico, em grego) *e* (preposição latina, que indica origem, de) e do substantivo indeclinavel *nil* (nada, em latim).

A simples soletração das syllabas dá o verdadeiro sentido e traducção, isto é, *rico do nada;* que é o que quer dizer *parvenu.*

Não vejo que se possa com uma só palavra melhor exprimir o complexo de idéas encerradas n'aquella expressão franceza. Merecerei a honra de ser approvado como perito algebrista de vocabulos? Dil-o-hão os sabedores.

OUVERTURE

XV

Quando penso na riqueza da lingua que falamos, e que tanto tem sido pelos sciolos estragada, affigura-se-me ver herdeiros dissipadores esbanjando os grossos cabedaes legados por seos avoengos.

Bem sei que, por mais opulento que seja o espolio, póde haver falta de um ou outro objecto; mas falta que nem por isso diminue o real valor dos bens deixados.

É rico, é opulentissimo o idioma portuguez; seos maiores, o sanskrito, o arabe, o grego, e principalmente o latim, tanto o locupletaram, que causa dó ver desaproveitado e malbaratado esse Attalico thesouro.

Quasi exclusivamente circumscripta ao Brazil e a Portugal, não cuidam os grandes directores d'aquellas nações de fazer conquistas no terreno litterario, impondo, não suas armas, mas sua linguagem.

Em vez de invadir, somos invadidos; e até parece que temos honra e prazer em adoptar não só usos e costumes estranhos, esquecendo e despre-

zando os nossos, mas a linguagem dos que por outro modo não nos podendo avassallar, por este nos procuram conquistar.

A França, com habilidosa estrategia, impoz a lingua franceza ao mundo diplomatico: façam o Brazil e Portugal uma lei, prescrevendo que todos os funccionarios da diplomacia empreguem nos paises, em que representarem a respectiva nação, a lingua portugueza.

Não o fazem os inglezes com a sua lingua vernacula?...

Si nos quizerem imitar esses paises, onde tivermos representantes, escrevendo e falando a sua lingua, os interpretes auxiliarão o diplomata, quando este a ignore, como succede com os representantes do Occidente entre os povos orientaes, e outros. Sabem por ventura todos os nossos consules a lingua dos paises, onde dirigem o consulado brazileiro?

Mas... *ne sutor ultra crepidam.* Vieram estas considerações de politica transcendente, motivadas pelo desejo que tenho de ver estimada e venerada uma lingua, que tanto o merece.

Disse eu que ella é rica, que é opulenta, e que uma ou outra palavra, que lhe falte, não lhe diminue o valor intrinseco.

Temos exemplo no vocabulo *Ouvertura,* gallicismo intragavel. Não existe feito já na lingua

portugueza termo proprio para denominar a peça de musica, *com que se abre* um concerto.

Abertura é absolutamente inapplicavel, por ter significações especiaes que não podem convir; é por consequencia indispensavel um neologismo.

Eu apresento o seguinte: *Protophonia* (de *proto*, prefixo grego, que dá idéa de prioridade, *primeiro*, com o suffixo *phonia*, de *phonê*, som em grego).

Não temos já, para significar o concerto musico de instrumentos, a palavra *Symphonia*, formada tambem de dous vocabulos gregos?

Fique, portanto, banida para sempre a dissonante *Ouvertura*, e substituida pelo expressivo termo *Protophonia*.

Fechei esta abertura (ouvertura); assim quizessem os nossos diplomatas *fechar* aquellas suas repugnantes *aberturas*, de que usam na linguagem technica, substituindo-as pelo substantivo *preliminares*, ou outra expressão adequada, *mas portugueza.*

ENGRENAGE

XVI

Os numerosos parabens por estes neologismos, que julguei, e que realmente são indispensaveis, podem (eu o tenho receiado) me envaidar; porque de toda a parte me pedem a creação de termos para traduzir muitos que até agora se conservaram na nossa lingua com a casca franceza, ou ingleza. Estou mettido em uma *entrosga*, como viciadamente diz o povo; mas em vez de ser esmagado, sou eu quem esmaga e descasca os taes vocabulos intrusos.

Ardua é a tarefa, e minguada será a gloria, si não houver utilidade; como sentenciosamente o disse o fabulista romano. *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.* (Si não é util o que fazemos, estulta é a gloria).

Vae ser agora esmagada e descascada a *engrenage*, á qual, sabendo todos o que significa, não sabem comtudo dar o equivalente portuguez.

Os homens de sciencia, principalmente os cultores da physica e da mechanica, a cada passo encontram nos livros francezes, por onde estudam,

a tal *engrenage*, e mettidos *entre os dentes aas rodas* das suas machinas, não sabem como se desadentar. Em tal aperto, escrevem, dizem e redizem, *engrenage*, e mais *engrenage;* e assim introduzido o barbarismo, creou fama de não ter correspondente representado por uma só palavra em portuguez.

A lingua portugueza ficou calumniada; os calumniadores, além do crime que commetteram, incorreram tambem em um dos septe peccados mortaes — a *preguiça*.

A preguiça e só a preguiça tem sido causa d'este, e de outros enxertos na linguagem vernacula.

Trazem alguns diccionarios, como traducção de *engrenage*, *edentação;* mas ninguem o emprega.

Eu julgo ter achado termo portuguez correspondente a *engrenage*.

Ha no nosso idioma vernaculo o substantivo *entrosa*, (roda dentada no lagar de azeite) que o vulgo por corruptela çhama *entrosga*.

Existe tambem o verbo *entrosar*, isto é, metter os dentes de uma roda em vãos correspondentes: por consequencia o substantivo verbal *entrosagem*, embora não exista nos diccionarios, é de tão natural formação, que não póde ser considerado creação arbitraria: milhares de verbos portuguezes têm substantivo verbal com o suffixo — *agem*.

Portanto o neologismo *entrosagem* significando a acção de *adentar*, verbo que tambem possue a lingua portugueza (embeber os dentes uns nos outros, ou em *entrosa*) é a mais perfeita e completa traducção de *engrenage*.

Haverá ainda quem prefira o grão com casca (*engrenage*) ao descascado (*entrosagem*)?

No lo crêo; pero todo es posible...

FEERICO, (Féerique, francez)

XVII

Estava eu, como sempre, no meo gabinete, tendo apenas por companheiros poucos livros, amigos fidelissimos, que nem siquer com o timbre de sua voz me incommodam, quando inesperadamente batem-me á porta.

Abrindo-a, apparece-me um joven, que, havia pouco tempo, me fôra apresentado, e com quem poucas vezes depois da apresentação tive occasião de conversar.

— Doutor, desculpe-me vir interrompel-o em seos estudos.

Pregando logo uma das *mentiras convencionaes* da nossa sociedade culta, respondi, fazendo-o entrar :

— É uma interrupção agradavel ; e muito folgarei de ver repetida.

Digo que foi *mentira convencional* da nossa sociedade, porque nesse momento estava eu escrevendo notas para uma obrazinha, cujo titulo por ora não declaro ; visto que é costume dar-se o nome

depois do nascimento, e muitas vezes só no acto de ser derramada a agua lustral do baptismo.

Trocadas algumas phrases frivolas, e precedendo um exordio cheio de modestia, foi sacando da algibeira umas tiras de papel escriptas.

Affigurou-se-me agudo punhal, com que iria ser traspassado; e invocando mentalmente o meo Anjo de guarda, entreguei-me á sorte, dizendo com accento algum tanto alterado pelo susto:

— Já sei que é uma composição, cuja leitura vou ter o gosto de ouvir.

Era *outra mentira* tambem das permittidas na convenção social moderna.

É verdade, doutor; mas peço lhe com franqueza o seo parecer e correcção.

— Pois vamos a ouvir, disse eu abafando um suspiro.

— Nesta poesia, doutor, posto que me refiro a uma mulher, o nome, e a possuidora d'este são phantasticos; não teem realidade; é apenas uma creação imaginaria.

— Comprehendo, comprehendo, disse eu em tom grave, e convencido, já resignado ao supplicio.

Começou a leitura. Os versos erão de arte menor; alguns claudicantes, outros de tal extensão e comprimento, que davam para reparar a curteza dos primeiros, sobrando ainda panno para mangas.

O lyrismo o mais alfeninado, o sentimentalismo o mais delicado erão a feição geral d'aquella enfiada de redondilhas, que por titulo tinha sómente o pronome — *Ella!* com um poncto de admiração!

Durante a leitura, não o interrompi; mas ao terminal-a, não pude deixar de fazer uma observação.

Lembro-me perfeitamente da ultima quadra, que é pessima:

Emfim para descrever
Esses teos encantos *feericos*,
Eu quizera possuir
Todos os dotes homericos.

— Meo caro poeta, disse-lhe eu, essa palavra *feericos*...

— É verdade, doutor; já sei que me vae dizer que é gallicismo.

— E imperdoavel; desculpe a franqueza.

— Mas como hei de substituir o termo, querendo eu dizer — os teos encantos de Fada?

— Diga com palavra portugueza.

— Porém a lingua portugueza não tem adjectivo, que traduza o adjectivo francez *féerique*.

— Pois crêe um neologismo.

— Trabalhei muito; ha mais de 15 dias que procuro formal-o, e não pude.

— Si me dá licença, lembro já um.

— Qual é, doutor?

— *Fádico, fádica, fádicos.*

— É optimo; mas a rima...

— Mude-a.

— É impossivel.

— Nada mais facil: em vez de querer possuir todos os dotes *homericos,* deseje possuir todos os dotes *Arcádicos.*

— Oh! que feliz açhado! Esplendido! Excellente! Meo caro doutor, muito agradecido.

E exultando de louca alegria, despediu-se, ficando eu a fazer commigo as seguintes reflexões:

Porque se ha de empregar o barbarismo *feerico,* (féerique) quando com o suffixo — *ico, ica,* proprio de tantos adjectivos, se pode formar o adjectivo *fádico,* que é a perfeita traducção de *féerique?*

Do substantivo *maga,* (feiticeira) não se fez o adjectivo *magico, magica?*

MISE-EN-SCÈNE

XVIII

Só conheço no mundo duas nações, que teem gosto particular em estragar a sua linguagem, inçando-a de palavras alienigenas: são Portugal e Brazil.

Nestes dous paises entretanto o instrumento da traducção das idéas, que é para ambos o mesmo, tudo pode exprimir; e quando não possua vocabulo para verter uma ou outra palavra estrangeira, tem nos proprios elementos vernaculos, (não querendo ir ao grego ou ao latim, de que se deriva o seo idioma, do latim principalmente), recurso para a formação de neologismos.

Ha mais de 30 annos que tenho noticia de um feliz neologismo para traduzir a locução franceza, formada de tres palavras — *Mise-en-scène.*

Não obstante, fatiga seos leitores a imprensa repetindo, repisando a locução — *Mise-en-scène.*

D'este ardente amor aos peregrinismos *grande culpa cabe aos jornalistas, que devendo ser os primeiros e mais vigilantes fiscaes da pureza da lin-*

guagem, são os que menos cuidão de evitar o contagio do barbarismo. Supponho que applicam a este assumpto o adagio: *De minimis non curat prætor,* como si *cousa minima,* de muito pouco valor, fosse a lingua que falam.

Sem ter tido a felicidade de ser o auctor do neologismo, que traduz *Mise-en-scène,* lamento não saber quem o foi para aqui lhe dar sinceros parabens.

Mise-en-scène póde muito bem, e deve ser dispensado do nosso idioma, dizendo-se — *Enscenação.* No neologismo estão os elementos do vocabulo francez; pois que a nossa palavra portugueza está dizendo: — *acção de pôr em scena.*

O ensaiador de uma peça dramatica é o que se encarrega de preparal-a, convenientemente, para *mettêl-a em scena;* é elle quem executa *a acção de pôl-a em scena;* pelo que muito bem formou o neologista o vocabulo *Enscenação,* que é o melhor correspondente da locução franceza *Mise-en-scène.*

CABOTAGEM

XIX

Será este vocabulo, de uso tão frequente, um gallicismo desculpavel, por não haver palavra portugueza, que perfeitamente o traduza?

O vocabulo *cabotagem* é genuinamente francez; é um gallicismo, que me parece, não; digo mal; que é desnecessario.

Diversa porém é a opinião do diccionarista Constancio que o julga « *um termo util, visto não possuirmos substantivo que exprima a idéa de navegação costeira, ao longo da costa, entre portos pouco distantes.* »

Esqueceu-se o erudito philologo de que temos o verbo *costear* (navegar ao longo da costa).

E porque tendo-o, não crearemos o substantivo cognato, verbal — *costeagem?*

Em abono do neologismo ha entre muitos os seguintes exemplos: *armazenagem* de *armazenar; beberagem* de *beber; cunhagem* de *cunhar; hospedagem* de *hospedar; lavagem* de *lavar; moagem* de *moer; passagem* de *passar; navegagem* de *navegar;*

pilhagem de *pilhar; tiragem* de *tirar; viagem* de *viajar;* e outros que agora me não occorrem.

A creação dos substantivos verbaes, quando já o verbo respectivo existe formado na linguagem, é de pleno direito em linguistica.

Bem sei que alguns verbos ha, cujo substantivo cognato não se fórma com os elementos do verbo; isto porém é quando no vocabulario existe já palavra, que encerra substantivamente a idéa expressa pelo verbo, como por exemplo, dormir, cujo substantivo cognato é *sommo.*

Entretanto com o mesmo verbo dormir o modo infinito se emprega substantivamente, quando dizemos, *verbi gratia, o dormir;* ha tambem o substantivo *dormida.*

Expostas estas considerações, entendo, ao envés de Constancio, que *cabotagem é gallicismo inutil;* por que póde ser, e é perfeitamente substituido pela palavra portugueza — *costeagem* —, substantivo verbal do verbo *costear,* já existente, e do qual faz menção o proprio Constancio em seo diccionario.

DRAINAGE

XX

Algumas luctas tenho sustentado contra os que vêem com máos olhos os novos nomes, por mim creados para separar do nosso idioma a grança, que o tem invadido.

Os que não entendem de materias litterarias (por que hoje todos, lettrados e illettrados, se julgam aptos para discutir tudo) suppoem que nada adianto, condemnando os vocabulos francezes e inglezes, e substituindo-os por novos, formados do grego ou do latim, ou de hybridismos greco-latinos , ou finalmente dos elementos da propria lingua vernacula.

A esses não dou resposta.

Outros, não obstante o esmero, que ponho na formação dos neologismos, confessam que o novo termo exprime a idéa contida na palavra franceza ou ingleza; (e ás vezes muĩto melhor, por exemplo, *runimol*, *plutenil*, e outros) mas tal é a força do máo habito, que parece deixarem com mágua o vocabulo exotico, para usarem do nacional.

Entretanto, devo declarar que certos espiritos rectos e despidos de más paixões têem acceitado

com gosto a creação de grande numero dos novos vocabulos, e até todos.

Ha quem me tenha procurado, pedindo neologismos para certas expressões francezas e inglezas, que até agora não tinham termo equivalente nos diccionarios bilingues, sendo a significação, não uma definição lexicologica, como cumpre, uma palavra portugueza correspondente á estrangeira, mas descripção longa, ou prolixa circumlocução.

Examinemos agora, si ha necessidade de dizer e escrever *drainagem*, aportuguezando o duplo barbarismo inglez e francez, como infelizmente o fez quem o admittiu no *Thesouro da lingua portugueza* de Frei Domingos Vieira, onde se encontra *drainagem* e *drainar!*...

A palavra *drainage*, ingleza, significa *escoamento de aguas, escoadouro;* e o verbo *drain* fazer esgotar, enxugar.

Além d'isto o substantivo *drain* quer dizer *rego, canal, escoadouro para dar sahida ás aguas.*

De 1840 para cá começou a ser empregado em livros inglezes de agricultura e economia rural o termo *drainage*, para significar o processo de esgotar as aguas do sólo, tendo por fim enxugal-o.

Os francezes adoptaram logo *o britannismo;* e tanto bastou para que Brazil e Portugal sem mais demora admittissem *drainagem.*

Consistindo, como consiste, aquelle processo na extracção das aguas, que do sólo são hauridas por meio de bombas, não aconselho que se traduza a palavra ingleza *drainage* pelo vocabulo portuguez *enxúgo;* visto que *enxúgo* por si só não daria idéa da extracção das aguas por tubos e canaes com o auxilio de bombas.

Lembro, e apresento o substantivo *haurinxúgo*, como traducção de *drainage;* e o verbo *haurinxugar* para exprimir a acção de *haurir* (çhupar, sugar) o liquido, enxugando o logar que o contenha.

Os elementos constitutivos do novo termo são *haurir*, verbo portuguez, que significa extrahir liquidos, sorver, çhupar, e o substantivo vernaculo *enxúgo* (acção de enxugar).

Exprime portanto a nova palavra com toda a exactidão as idéas contidas no termo estrangeiro *drainage*.

Quem não souber inglez, ao encontrar encravado em escripto portuguez o vocabulo *drainage*, não comprehenderá o pensamento, sem que lh'o expliquem; entretanto que a nova expressão portugueza dá logo a conhecer, pelos elementos de sua composição, que o vocabulo significa extracção de liquidos para enxugar o logar, em que estes existem.

Por imitação, usam tambem na linguagem cirurgica os auctores francezes do termo *drainage:* os nossos medicos operadores empregam sem o

menor escrupulo em portuguez a mesma expressão; a qual eu com o maior respeito lembro que se pode muĩ bem substituir por *hauricanulação;* visto que o instrumento (de metal ou de borraçha) é um tubo canelado, aberto em ambas as extremidades, e tendo ao longo das paredes orificios equidistantes, sugando e *haurindo* por exosmose os liquidos, pus, ou outra qualquer secreção em diversas regiões do corpo.

Hauricanulação, e o verbo *hauricanular* sejam pois os termos cirurgicos, que substituam os barbarismos *drainagem*, e *drainar.*

POSER, POSE

XXI

Não sei como a Policia me consente ainda andar livremente pelas ruas d'esta cidade!... Estes neologismos têm, contra a minha expectativa, alvorotado o Municipio Neutro, (que n'este assumpto não se mostrou *neutro*) e até algumas provincias do Imperio, aquellas, d'onde por mais proximas da capital, me hão çhegado noticias. Clero, nobreza, e povo, tudo está em revolução!... A imprensa diaria, e periodica (não se tome por *preconnicio* o que estou dizendo) — puzeram-se do meo lado. — Matei o *pince-nez*, mandando dar-lhe um tiro de bala por um bravo soldado, de nome — *Nasoculos:* os jornaes têm annunciado este grande feito em caracteres colossaes. — Nos bailes em noute çhuvosa as formosas damas pedem, ao sahir, o *focale;* porque o *cache-nez* morreu de *morte natural.* Eu tenho estado em maré de inaudita felicidade! Recebi de presente um rico lampeão, e no bilhete, que acompanhava o mimo, liam-se estas palavras: « Este lampeão com o seo *lucivelo* offerece-o o

abaixo assignado ao auctor dos neologismos, etc. »
Tive tambem um delicado convite para um *convescôte* (o fallecido *pic-nic*) nas Paineiras, e á mesa juncto de cada prato estava impressa em lindo papel a lista das viandas, com o titulo *Chardapio* (antigo *menu*) em lettras douradas. De volta estive em um saráo (a *soirée* foi-se), em que ouvi quasi todas as moças repetirem alegres o nome *choribel* (o velho, e commercial *carnet*) como para mostrarem que tinham acceitado o neologismo.

A orchestra era excellente, e começou tocando uma linda *Protophonia* (aquelle insupportavel gallicismo *ouvertura*).

N'esse baile, por observar e admirar tamanha mudança na linguagem, dizia a outro um rapaz, que não era nenhum *plutenil;* (*parvenu* d'outros tempos) mas um *ludambulo* de bom gosto (os *britannelhos* diriam *tourist*) :

— Elle tem feito neologismos innegavelmente bons ; ha porém palavras em francez intraduziveis, por exemplo, *poser*.

— É verdade ; accudiu o outro ; é verdade ; *poser*, que os francezes empregam, quando querem exprimir que o pintor colloca convenientemente, em posição artistica, a pessoa, que vae ser retratada.

A proposito d'essa conversa fiz então o presente neologismo para traduzir o tal—*poser*.

Poser é verbo francez; vem do substantivo *pose*, que quer dizer *attitude*, *postura*, legitimo significado de *pose*.

Ora, tendo os francezes formado do substantivo *pose* (postura) o verbo *poser*, façamos nós tambem a mesma cousa: do substantivo *postura* creemos um verbo.

De *cura* formou-se o verbo *curar;* de *dura durar;* de *escriptura escripturar;* de *figura figurar;* de *mistura misturar;* de *moldura moldurar;* de *procura procurar;* de *tortura torturar;* porque não se fará de *postura posturar?*

Seja portanto *posturar* traducção de *poser*, verbo activo transitivo; e tenha como significação *dar postura*, *collocar na postura*.

Poser não indica simplesmente *pôr;* mas *pôr* em *pose* (posição artistica); analogamente *posturar* não é simplesmente *pôr*, porém *pôr em uma posição artistica* (postura).

E creio que os dous mocinhos do baile, quando lerem este artigo, dar-se-hão por satisfeitos; e sinão, que lhes façam muito bom proveito o seo *poser*, e a sua *pose*.

LENDEMAIN

XXII

Nunca devemos contar com *o dia de amanhã;* é conselho, que nos dá a prudencia. Dizia o judicioso Horacio á sua Leuconoe: « Aproveita *o dia de hoje*, não contando com *o de amanhã. Carpe diem, credula quam minimum postero.* »

O amanhã é como o bôjo d'aquelle celebre cavallo, que os credulos Troianos introduziram na cidade: encerra e contêm uma cohorte de desgostos, pezares, e revezes, que surgem no correr do dia crastino.

Outras vezes *o amanhã* é a cornucopia de felicidades, que se despeja sobre os pobres mortaes surprehendidos...

Mas surprehendidos hão de estar os leitores de me ver começar, tractando de neologismos, um artigo em estylo poetico.

Vae acabar já a surpreza. Tendo de traduzir *Lendemain*, que quer dizer *o amanhã* (*le demain* com um — *n* — intercalado por euphonia) não poderia eu me exprimir, sinão poeticamente usando do vocabulo *o amanhã*.

Entretanto os francezes o empregam em prosa, significando *o dia seguinte.*

E porque, perguntar-me-hão talvez, quereis crear um neologismo, quando é de tão facil traducção a palavra franceza *lendemain?*

Porque não continuaremos a dizer « *o dia seguinte* », que é a perfeitissima traducção de *lendemain?*

A razão é simples: a nobre lingua portugueza, herdeira riquissima da latina, sua mãe, não deveria ficar inferior á franceza, que fez de duas uma só palavra: é o caso de repetir — *Noblesse oblige.*

Vamos portanto ao inexhaurivel thesouro; vamos ás minas do Lacio; que ahi açharemos o adverbio *postridie,* o qual significando — *no dia seguinte* — passará a ser o novo substantivo portuguez — *postridio.*

Seja portanto *postridio* em portuguez o *lendemain* dos francezes; e mostremos que tambem com uma só palavra podemos dizer o que até agora só *com duas* se dizia.

O *postridio* é por consequencia só *o dia seguinte,* e não os dias seguintes; não tem plural, como em francez não o tem *lendemain.*

Antes que me censurem por haver transformado um adverbio latino (*postridie*) em substantivo portuguez, vou já declarando que *o amanhã* é

tambem um adverbio transformado em substantivo, como o é o *lendemain* francez.

O *postridio* está no ventre do futuro; a esperança do *postridio* alenta a humanidade; só o indolente reserva *para o postridio* o trabalho; *no postridio* dos prazeres affligem-nos muitas vezes as dôres; *pelo postridio* nem sempre se póde avaliar da vespera.

E basta *de postridio;* porque creio que no *postridio* d'esta publicação não se traduzirá mais *lendemain* por — *dia seguinte* —; mas por *postridio.*

CHARIVARI

XXIII

Para tractar do neologismo, que deve substituir a palavra franceza *Charivari*, não posso deixar de historiar o termo.

Designavam outr'ora os francezes pelo nome de *Charivari* um divertimento, que consistia em reunir-se maior ou menor numero de pessoas juncto á casa de uma velha viuva, quando esta contrahia novas nupcias.

Essa reunião era á noute, e os gaiatos munidos de caçarolas, frigideiras, sinos, timbales, e tachos batiam e rebatiam a poncto de ensurdecer, fazendo ao mesmo tempo algazarra descommunal, assuadas, emfim uma matinada insupportavel.

Foi a palavra *Charivari* formada do celtico *Chari* (jogo, divertimento), e *vari* (pena, incommodo) ; porque esse diabolico concerto instrumental e vocal só tinha por fim affligir, e incommodar os noivos.

Não temos, é verdade, em portuguez vocabulo que exprima tudo isso ; mas tambem não o tinham os francezes, que o formaram d'aquellas duas palavras celticas.

Si em tudo queremos ser francezes, porque não os imitaremos igualmente, forjando uma palavra derivada do latim ?...

Bescherelle diz que *Charivari* póde ter tambem por fonte etymologica o termo latino *Chalybarium* (vasilha de cobre) ; mas eu não encontrei jamais em latim tal palavra.

Tomando o termo *Charivari* na primitiva e genuina accepção, isto é, *divertimento que causa incommodo*, póde perfeitissimamente ser traduzido pelo neologismo *Peniludio*, de *pæna*, *æ*, (pena, incommodo, castigo) e de *ludus*, *i*, (divertimento, diversão) com a terminação peculiar da lingua portugueza.

Peniludio é portanto, como *Charivari*, um divertimento, que causa incommodo, que é quasi um castigo.

Si porém, como modernamente o empregam os francezes (porque o uso d'esse divertimento caducou) *Charivari* exprime sómente *algazarra*, *assuada*, *gritaria*, *bulha*, *matinada*, todas e qualquer d'estas ultimas palavras dizem, *mas em portuguez*, o mesmo que *Charivari* em francez.

Risquem-se pois dos diccionarios portuguezes, e fiquem esmiuçados o *charivari*, a *nuança*, o *reclamo* (no sentido de annuncio que recommenda alguma obra, ou outra qualquer cousa); porque taes insectos damninhos só servem para na guarda-roupa do nosso rico idioma roêr, e conspurcar a purpura das togas pretextas.

TAMPONNEMENT

XXIV

Tenho de percorrer hoje dominios da minha profissão de medico.

Si pouca, ou para melhor dizer, nenhuma é a esperança de ver vingarem estes neologismos, que proponho, muĩto menos creio que queiram os meos collegas adoptar a palavra, que lhes vou offerecer para traduzir *tamponnement*.

É por livros francezes principalmente que se estudam a medicina, a jurisprudencia, e todas as sciencias hoje cultivadas.

Muĩtos termos technicos que teem seo perfeito equivalente em portuguez, por desidia não os procuram nos diccionarios os cultores da sciencia. D'aqui nasce uma das mais copiosas fontes de gallicismos.

Outras vezes, mas não tantas quantas a muĩtos parece, a lingua portugueza não tem vocabulo correspondente ao estrangeiro: n'estes casos, que, como já disse, não são muĩtos, grudam os preguiçosos ao termo francez uma desinencia portugueza, e ahi fica implantado o gallicismo.

Quando tal agglutinação não se faz, enxertam sem ceremonias a propria palavra franceza; e considerando *bagatelas e minudencias ridiculas o apuro da linguagem*, falam ao mesmo tempo portuguez e francez.

De grande numero de barbarismos d'este genero occorreu me agora *tamponnement*.

Nas hemorhagias violentas, que irrompem por algumas cavidades do nosso organismo, e principalmente nas metrorhagias, costumam os medicos applicar, concomitantemente com os medicamentos adequados, um çhumaço de fios mais ou menos volumoso, em uma palavra, um *tampão*.

Este vocabulo é portuguez; e por isso o seo emprego nada tem de censuravel.

Para exprimir porém a acção de introduzir esse tampão, não teem os medicos empregado a palavra propria, levados talvez por mal entendido pudor; e como não querem dizer *arrolhamento*, preferem dizer o termo francez *tamponnement*.

Pois bem; çhame-se *tampão*, ou *operculo*, que é tambem palavra portugueza synonima de tampão, aquelle çhumaço de fios; e a acção de introduzir o tampão, ou o operculo, — *operculisação: tamponnement* será *operculisação*.

MASSAGE

XXV

As palavras do Ecclesiastes — *Nihil sub sole novum* — encerram tão grande verdade, que em tudo se verifica aquelle memoravel apophthegma.

Dirão talvez que contra o absoluto da proposição Salomonica protestam as descobertas, as invenções dos tempos modernos.

Dirão talvez que as applicações do vapor, da electricidade, e mil outros inventos d'este seculo desmentem aquella sentença; a qual portanto não é verdadeira em toda a plenitude.

Eu porém continuarei a repetir convictamente: *Nada é novo debaixo do sol.*

Quem póde affirmar que o que temos hoje por novidade, por invento modernissimo não existiu, ou pelo menos não foi imaginado pelos que precederam os descobridores de hoje? — Quem póde sabêl-o?

Livros, que nos contam a historia do passado, quem póde com certeza dizer quantos desappareceram?... Muitas obras da arte antiga, que ainda hoje causam pasmo aos cultores da arte moderna,

provam que o poder inventivo de espirito humano não é partilha exclusiva do seculo corrente.

E para mais justificar aquella sentença, observarei que estas mesmas considerações, agora apresentadas, devem ter occorrido, e com certeza occorreram a outros, que me precederam.

Mas porque estas reflexões philosophicas, tendentes a mostrar *que o homem foi, é, e ha de ser sempre o mesmo, susceptivel porém de variantes?*

Que ligação tem tal exordio com este artigo, que se inscreve *Massage?*

Facil é a resposta.

Çhama-se modernamente em medicina *Massage* certo processo, que consiste em fazer methodicamente com as mãos sobre diversas partes do corpo *pressões*, e *calcaduras* no intuito principalmente de provocar a actividade vital para esses ponctos.

Ora esse processo era conhecido e empregado pelos Egypcios, e na India geralmente praticado.

A sciencia occidental adoptou-o, e com o nome de *Massage* o empregam os medicos no tractamento de varias doenças, principalmente nas paralysias.

Deve porém quem quer falar com a possivel pureza o idioma vernaculo admittir sem mais ceremonias o barbarismo *Massage?*

That is the question.

Consultado por um meo collega medico, moço recem formado, e louvando-lhe o desejo de evitar a barbariloquia, propuz o termo *premagem*, substantivo derivado do verbo portuguez —*premar*—, cuja significação é opprimir, calcar, etc., podendo ser çhamados *premadores* os medicos, que de tal modo de tractar fizerem estudo especial.

Aos meos collegas offereço o neologismo, que me parece de todo o poncto acceitavel.

BARBARISMOS DISPENSAVEIS

PARTE II

ENVELOPPE

I

São as palavras o traje do pensamento; é por meio daquellas vestes que se apresentam as idéas; e quanto mais artistica e perfeitamente são talhadas essas roupas, tanto melhor sobresahe o pensamento.

Quem tem roupa sua, de boa fazenda e bem talhada, de certo não precisa de andar com a alheia, que só póde bem servir ao seo domno, e nunca ao estranho, sendo principalmente differentes as dimensões do corpo de cada um.

Applicando estas considerações ao indesculpavel abuso de enxertar em nossa linguagem vocabulos exoticos, quando os temos vernaculos e correspondentes áquelles, bem quizera eu que me demonstrassem a necessidade de empregar-se, por exemplo, a palavra franceza — *enveloppe* — para significar a capa que envolve uma carta.

Qual teria sido o poderoso monarcha, que da lingua portugueza baniu o expressivo vocabulo — *sobrecarta?...*

Si temos, como não padece duvida, em portuguez o termo — *sobrecarta* —, por que se ha de pedantescamente empregar o barbarismo *enveloppe?*

O termo francez *enveloppe* significa tudo o que envolve, tudo o que embrulha; corresponde ás palavras portuguezas—*envoltorio, invòlùcro;* — é, portanto, um termo generico.

Sobrecarta, porèm, encerra sentido restricto, exprime unica e exclusivamente a *capa de uma carta.*

Qual será, pois, a razão da preferencia dada á palavra franceza?

Sem duvida, a desgraçada mania de desprezar o que é nosso e bom, só para tomarmos do estranho até o que não presta.

Poucos reflectem em que este desprezo do que nos pertence, revela desamor ás cousas patrias: desprezam-se as palavras, desprezam-se os costumes, e o resultado é o entibiamento do patriotismo.

Enveloppe é palavra desnecessaria, absolutamente inutil em portugnez; nós possuimos vocabulo genuino e muĩto mais expressivo; digamos, portanto, d'ora em diante, e sempre, não *enveloppe*, mas *sobrecarta.*

PETITS-POIS

II

Portuguez, ou brazileiro, que hoje resuscitasse depois de meio seculo de ausencia, tanto admiraria o progresso material dos respectivos paises, quanto pasmaria de ouvir palavras estrangeiras pronunciadas pelos compatriotas, ainda os mais ignorantes do idioma francez, e inglez.

Si qualquer dos redivivos não conhecesse tambem a lingua franceza, ver-se-hia obrigado em sua propria terra a pedir a traducção de certas palavras, quando em alguma casa de pasto *(brazileira ou portugueza)* lhe perguntasse o moço, si queria tal ou tal guisado com *petits-pois*.

Não ha na hypothese que figuro exaggeração (não digo —*exagero*— por ser *iberismo* desnecessario) : ha meio seculo, ha talvez menos tempo, a invasão dos vocabulos barbaros não tinha conquistado tanto terreno.

A onda cresce todos os dias, e si não houver paradeiro, poder-se-ha affirmar que dentro em pouco o *Brazil se torna* a *França ; Braziliam Galliam fieri*, parodiando as palavras de Tito Livio.

Petits-pois ! ! Por que hão de brazileiros e portuguezes çhamar assim as *hervilhas miudas ?*

Será porque pronunciadas em francez tenham melhor sabor ?...

Não se çhama *feijão miudo ?* Por que não çhamaremos tambem *hervilhas miudas* a *petits-pois ?*

Quem dér razão satisfactoria de se usar antes da palavra franceza *petits-pois*, do que dos vocabulos portuguezes *hervilhas miudas, será para mim um grande Apollo. (Erit mihi magnus Apollo.)*

Ninguem acreditaria, si não ouvisse a cada instante, e por toda a parte falar-se em *petits-pois*, parecendo até que é cousa differente de *hervilhas miudas ! !*

O tempora ! O mores !... Quem sabe até, si este artigo, em que lamento tamanha tolice, não será mettido a ridiculo?

Riam-se embora; mas corrijam-se do desnecessario barbarismo, nunca mais dizendo, quando falarem portuguez, *petits-pois*, mas *hervilhas miudas*.

MARRON

III

Parece-me que não tardará muito que se introduza o costume de trazermos todos, como objecto indispensavel, um diccionario francez-portuguez (ia dizer *mignon*, mas emendo para —*manual, pequenino, portatil, de algibeira)*, porque póde muito bem succeder que ouçamos palavra desconhecida, ou cuja significação esteja por nós esquecida.

Não se julgue que gracejo, quando digo que talvez dentro em pouco tempo ande cada cidadão com o seo pequenino diccionario francez-portuguez: tenho razões de suppor que tal necessidade haja de apparecer.

Assisti em certa occasião a uma scena familiar entre quatro moças.

Emquanto fazia a minha visita de medico, e estava formulando a receita, vi que entre as quatro moças, das quaes uma era recem-çhegada do interior (para não dizer da roça), e vinha pela primeira vez á côrte, discutia-se a escolha de sedas para vestidos.

— Olhe, D. Mariquinhas, você com um vestido desta seda *grenade*, ou aquelle *vieux-rose* ha de ficar com uma *toilette chic*, muito *chic*.

— Não, Chiquinha, eu no caso della preferia este *surate saumon*.

— Ora, vocês não têm gosto, disse a terceira das irmãs, que se chamava Carolina : D. Mariquinhas, compre esse córte *marron*, compre o *marron;* ahi não ha nenhum tão bonito, como o *marron;* com uma guarnição de *guipure* e *passementerie* ha de ficar *à merveille*. E accrescentou, dirigindo-se ás duas irmãs:

— Chiquinha, Alcina, mostrem aquelles vestidos, com que vocês foram á *soirée* do commendador ; que eu vou ao meo *boudoir* buscar um que póde servir de modelo.

E sahiram da sala as tres improvisadas francezinhas, deixando embasbacada a simploria mocinha da roça; a qual, dirigindo-se á dona da casa, disse :

— D. Florinda, eu não entendi quasi nada do que as moças falaram.

— Menina, eu tambem não entendo dessas francezias ; d'antes falava-se portuguez, mas agora...

— Ora, Sr. doutor, (perguntou-me tomando animo a mocinha), o que é *marron*, que D. Carolina teimou tanto para eu comprar ?...

— *Marron*, minha senhora, quer dizar — *castanha;* é aquella seda côr de *castanha.*

— Ora vejam só! disse a roceirinha admirada.

Para não servir de diccionario vivo, tractei logo de me retirar; porque sinão, teria de traduzir *grenade* (côr de romã), *vieux-rose* (côr de rosa desmaiada), *toilette* (inutil barbarismo, quando temos traje), *guipure* (renda de malhas largas), *passementerie* (passamanes), *soirée* (saráo), *boudoir* (camarim de vestir), *surate* (escrevem *Surah*), que não é mais do que a *sarja* fabricada em Surate, cidade do Indostão, e o *saumon* (salmão, peixe), indicando a côr da mesma sarja.

Que necessidade ha de dizer *marron?* Diz-se por ventura *cabello marron?*

Não dizemos, e muito bem, *cabello castanho?* Pois diga-se tambem *vestido castanho*, *seda côr de castanha*, o mais é...

CHAMPIGNONS

IV

Por associação de idéas, depois de tractar de *petits-pois* (hervilhas miudas) occorreu-me o vocabulo francez *champignons.*

Não me vou occupar da palavra, classificando-a botanicamente; não discorrerei tambem sobre o perigo que ha de confundir os que são venenosos com os innocuos; nem tampouco, qual novo Apicio dos tempos antigos, ou Brillat Savarin da idade moderna, tenho de discutir culinariamente o melhor modo de preparal-os.

O fim, com que intitulei este pequeno artigo —*Champignons,* é differente: desejo que me expliquem os entendidos o motivo por que se ha de usar tanto em portuguez desta palavra franceza.

Não haverá por ventura termo que em nossa lingua traduza *champignons?*

Quando eu era joven, bem joven, quando tinha os meos tres lustros de idade, já sabia (não o digo por jactancia) traduzir esta e outras muitas palavras, que hoje a pessoas, cujo saber e illustra-

ção sou o primeiro a respeitar, ouço dizer só em francez, não obstante estarem falando portuguez.

É admiravel! É a paixão do peregrinismo levada ao gráo maximo, ao delirio, á loucura, para não dizer á tolice rematada!

Champignons significa, significou, e sempre ha de significar—*cogumelos* ou *tortulhos*.

Por que não se ha de dizer a palavra vernacula, mas só a estrangeira?

Certa pessoa, de posição social em nosso país, entrando em um armazem perguntou, si havia á venda *cogumelos*.

— Não, senhor; respondeu o caixeiro.

Mas olhando casualmente o comprador para uma das prateleiras, e vendo latas de *cogumelos*, retorquiu:

— Como? Pois não estão alli?

— Não, senhor; aquillo é *champignons*, disse com todo o desempeno (antigo *aplomb*) o domno da casa.

Não é invenção; mas uma realidade o que acabo de referir.

Fóra com os *champignons!* Surjam os cogumelos!

GARE

V

Costumava eu ouvir ler os jornaes de cada dia por um menino, que ainda não conhecia a lingua franceza, e que apenas começava a aprendel-a.

O leitor dava algumas vezes a sua syllabada, que eu immediatamente corrigia; e, como era estudioso, ficava o rapazinho satisfeito com a emenda, perguntando-me a significação de algumas palavras, que pela primeira vez n'essas leituras encontrava.

Sempre que em artigos insertos nas folhas diarias açhava gallicismos dos que notei, e substitui por neologismos, vinha contente dizer-me:

— Aqui está uma das palavras que o doutor reprova por não serem portuguezas, e que póde ser trocada pelo neologismo correspondente.

E logo repetia o neologismo.

Agradava-me aquella prova de adiantamento e docilidade, e por minha parte não cessava de estimulal-o a escrever e falar correctamente.

Succede que em certo dia, lendo elle um artigo em que se descrevia a recepção feita a uma auctoridade, que desembarcara na *estação* de uma ferro-

via, hesitou por alguns instantes ao dar com a palavra—*gare*.

— Penso, doutor, que ha aqui erro de imprensa.

— Porque? perguntei-lhe eu.

— Talvez seja *grade*, porque eu não sei o que é —*gare*.

Duvidando do que ouvia, puz os meos nasoculos, e tomei o jornal.

— É aqui, disse-me elle, mostrando o logar, em que estava a palavra.

— Menino, por infelicidade não é erro typographico.

— Então é palavra portugueza que eu não conheço.

— Não é palavra portugueza, observei-lhe; é franceza.

— E o que quer dizer?

— *Gare*, vocabulo francez, além de outras significações, tem tambem a de — *estação, embarcadouro*.

— Então, é *embarcadouro*, é *estação* que se deve dizer?

— Não ha a menor duvida; *gare* é barbarismo escusado; nada ha que justifique o emprego de palavra estrangeira, quando existe em portuguez vocabulo castiço, que perfeitamente o traduz.

Esse e outros termos exoticos, que sem necessidade se empregam em portuguez, são vergonhosa prova da mais ridicula affectação, e ignorancia.

Gare é *estação*, ou ainda melhor, *embarcadouro;* palavra de que usaram os bons escriptores portuguezes, referindo-se ao logar, onde passageiros e mercadorias embarcam ou desembarcam de navios ou de carros.

ROBE DE CHAMBRE

VI

Ao ver a massa enorme de barbarismos, que dos Alpes se despenha, como gigantesco runimol (antiga *avalanche*) sobre o nosso vernaculo idioma, tive já uma vez idéa de formar, *ad usum tironum*, (para uso dos aprendizes), um vocabulario especial das taes palavras francezas e inglezas com a respectiva significação; duas razões, porém, me fizeram sobrestar na tentativa.

A primeira, porque cresce de tal modo quotidianamente o numero dessas palavras, que, quando o vocabulario estivesse terminado, seria necessario addir-lhe um supplemento dos barbarismos introduzidos na nossa linguagem, emquanto se imprimia o opusculo.

A segunda razão é a inutilidade de tal trabalho; visto que não faltam bons diccionarios do francez para o portuguez, faltando sómente vontade de os folhear e aprender a significação do termo, quando aquella se ignore; o que é raro.

Não sei que enlevo, não sei que suave attracção ha para as palavras francezas, que, sem ne-

cessidade alguma, deixam-se as nossas para empregarmos sómente as que pertencem áquella lingua: é que talvez, por vestirmos o corpo á franceza, queremos vestir o pensamento com traje tambem francez.

Entre as multiplas causas desta singular aberração, que só vejo em Portugal e no Brazil, avulta o completo desprezo dos livros classicos escriptos em portuguez.

Não contentes os francelhos com matizar o nosso idioma de vocabulos exoticos, tal é o gráo de depravação do gosto litterario, que as proprias palavras e locuções francezas soffrem certas alterações, das quaes podem muitas vezes resultar e tem resultado equivocos.

Contaram-me que um chefe de familia (dos taes amigos das palavras francezas), dirigindo-se ao filho, de cerca de 12 annos de idade, e que estava aprendendo francez, lhe dissera:

— Menino, traze-me o *chambre*.

A criança sabia que *chambre* em francez é *quarto;* e por isso perguntou:

— Papae disse — *quarto?*

— Tu estás te divertindo commigo?... então não sabes o que é *chambre?*

— Mas papae...

— *Chambre* é isto; e segurando pela orelha ao pobre rapaz, mostrou-lhe o que elle e outros

çhamam indevidamente em portuguez — *Robe de chambre.*

Em virtude da *lei de menor esforço,* descoberta pela glottologia moderna, mas que eu çhamo sem euphemismo —*preguiça* —, já nem se diz *robe de chambre,* porém *chambre.*

E por que não se ha de dizer, como outr'ora em portuguez, que é expressão classica — *Rocló?...*

— Ora, *rocló...* talvez digam lá comsigo os francelhos, isso é um *fossil.*

Fossil ou não, *rocló* é o termo portuguez que traduz *robe de chambre.*

Gastão João Baptista, duque de *Roquelaure,* muito conhecido na côrte de Luis XIV, foi quem deu nome *a uma especie de capote, fechado adiante por botões, desde cima até a baixo.* (Vede Bascherelle, e Diccionario das Academias, supplemento).

Os portuguezes fizerão de *Roquelaure Rocloró,* que *por lei de menor esforço,* ficou reduzido a *Rocló.*

ELITE

VII

(Dialogo)

— Parabens, meo amigo! Está curado;
Já o vejo de pé; feição sadia.
— E' verdade; estou bom; e a minha cura
Devo ao doutor, e á sua homœopathia.

— Então, que faz agora? Quanto livro!...
Sei que as lettras cultiva com ardor...
— E' a minha paixão; porém ás vezes
Preferira ser nescio, meo doutor.

— São arrufos que passam; com as lettras
Quasi o mesmo succede que em amores.
— Não é, doutor, das lettras que me queixo,
Mas que tantos desprezem essas flôres.

— Nem todos gosto tem fino, apurado;
As sciencias, as lettras são manjares,
Que bem apreciar nem todos sabem;
Estragados ha muitos paladares.

— Na terra, em que nascemos, tão fecunda,
Não florescem as lettras, não ; eu cuido
Que no ambiente existe, que nos cerca,
Para as lettras talvez nocivo fluido.

— Um miasma ? um microbio ? Então, um nome
Ao vibrião dê já parasitario...
— Dos seos collegas com a venia, seja
Terrivel *cryptococus* litterario.

— Concordo ; e lembro um optimo recurso ;
Infallivel, e facil medicina ;
— Basta, não diga mais ; eu adivinho ;
E' o mal empregar como vaccina.

— E' isso ; cultivar sciencia e lettras,
Transformar-lhes o culto em fanatismo ;
— E' justamente o plano que eu adopto,
Batendo, quanto posso, o pedantismo.

— Mas agora trabalha... — N'um romance...
— Que por certo é de assumpto nacional ;
— Isso nunca, doutor, nunca ; é francez,
Pois não sendo, não vale um só real.

— Vergonhosa verdade ! Assás conheço
Essa antiga mania — Mas, doutor,
Já que nisto falamos, desejara
Pedir ás suas luzes um favor.

— Para servil-o em tudo quanto eu possa,
Sempre prompto estarei, sempre ; acredite :
— Estou embaraçado ; dê-me um termo,
Que em portuguez traduza o termo — *elite*.

— E' isso ? dou-lhe quatro primorosos ;
A flôr, a fina flôr, a nata, a gemma ;
— Bravo ! Bravo ! doutor ; as mãos lhe beijo,
Resolvi afinal o meo problema.

CRÊCHE

VIII

Crêche significa, significou e ha de sempre significar presepio, manjadoura, estrebaria, estabulo, cavallariça.

Não sei porque ha de agora em Portugal e no Brazil dar-se o nome de *crêche* a uma casa pia, a um recolhimento de caridade.

Será porque, dicta a palavra em francez, fica esquecida e disfarçada a significação?

Forma-se, crêa-se, por exemplo, um asylo da infancia desvalida; eis que annunciam logo os jornaes: « Estabeleceu-se uma *crêche* com o fim de recolher e manter as crianças desamparadas ».

Por ventura, só pelo facto de quererem assim çhamar a casa, em que caridosamente são recolhidos esses enteados da Fortuna, perderá *crêche* a significação?

Em minha humilde opinião é tal metaphora infeliz e deprimente.

Ah! que reflicto agora, e caio em mim!... JESUS nasceu em uma *crêche* (presepio, estribaria, estabulo) e d'ahi a lembrança de designar com a

palavra franceza *crêche* o recolhimento, o asylo de caridade !...

Como JESUS prégou a caridade e nasceu em uma *crêche* (presepio, estribaria, estabulo) çhame-se *crêche* a casa, onde se exerce a caridade !...

Ora louvado seja JESUS !... O presepio, a estribaria, embora tivessem sido o logar, em que JESUS veiu ao mundo, continuou, continúa e continuará a ser o estabulo, em que bôis e cavallos se recolhem e comem na manjadoura a ração.

A cruz, replicar-me-hão talvez os hypocritas neologistas, foi outr'ora infamante instrumento de supplicio; mas desde que nella padeceu e expirou o redemptor da humanidade, transformou-se em symbolo de adoração.

Estou de perfeito accôrdo com a replica; e por isso mesmo insisto em que, não obstante buscarem impropriamente denominar *crêche* a casa de caridade, *crêche* continúa e continuará a ser presepio, estabulo, estribaria; e não se transformou, nem se transformará em symbolo de adoração, nem em casa pia ou asylo de caridade.

Que necessidade ha de semelhante neologismo barbaro e até vilipendioso?

Existindo tantos termos em portuguez para exprimir essa idéa, nenhum haverá que sirva?...

Querem çhamar ao recolhimento, ao asylo de caridade *crêche*? Pois traduzam a palavra... Ah!

isso não; porque então ficaria claramente demonstrada a impropriedade do termo; ter-se-hia de dizer: —*Estrebaria*, *estabulo*, ou *presepio.*

É, como já eu o disse, *advenomania linguistica;* não posso açhar outra explicação.

Felizmente estou já velho; porque, si fosse criancinha e desvalida, lá iria tambem para o presepio, para a estrebaria, para o estabulo... não; para a *crêche.*

Oh! tempos! Oh! costumes!

POOL (palavra ingleza que se pronuncia *pul*)

IX

Arrasta a cada um dos frageis mortaes sua inclinação; *trahit sua quemque voluptas.*

Ha quem seja *ornithophilo;* os passaros são sua exclusiva paixão; outros gostam, e çhegam até a votar amor platonico ás flores; são os *anthophilos;* (não falo dos insectos qne assim se denominam por se alimentarem de flores) mas dos que com todo o carinho e zelo as cultivam, embora habitem em aguas-furtadas.

Os cães têm igualmente seos apaixonados, que denominarei *cynophilos;* finalmente os cavallos, si nos homens encontraram domadores, nelles tambem açharam adoradores.

Mas esta adoração ao cavallo não é como a que outr'ora se votava a certos animaes, por motivo de religão, o bôi Apis, por exemplo, no Egypto.

Povo, que se ufana de estar no auge da civilisação, tem-se no seculo actual tornado notavel pelo amor que á raça cavallar dedica, pelo seo *hippophilismo.*

« Os inglezes, os inglezes! » já todos os que acabaram de ler estas linhas, com certeza exclamaram.

Sim; são os inglezes: são os altivos inglezes os *hippophilos* por excellencia. Elles têm registros, em que com a maior fidelidade inscrevem a ascendencia e filiação de seos cavallos, principalmente dos destinados ás corridas.

Póde-se, portanto, dizer sem zombaria que existe entre os inglezes *um escrivão da nobreza cavallar.*

As corridas de cavallos são para os inglezes o seo maior prazer; talvez ainda maior do que para os hespanhóes, e portuguezes uma tauromachia.

Não quero me transformar em moralista, e por isso não vituperarei o abuso, que de tal divertimento se faz, convertendo-o em jogo, em que se escoam e dissipam grossas quantias.

Meo fim unico é, visto que se tracta de expurgar de barbarismos a lingua vernacula, abolir a palavra ingleza — *pool,* que outra cousa não significa mais do que — *parada,* termo proprio de jogo.

Não ha diccionario inglez-portuguez, que não traga a conhecida significação do vocabulo.

Em vez de dizer-se *á ingleza* — comprei dez *pools* (pules) diga-se em portuguez *fiz dez paradas.*

Mas qual! Não ha nada como *pool;* (pul) a palavra portugueza — *parada* —, que é a especial de todos os jogos, não serve para este.

Mais uma circumstancia, de que me ia esquecendo. Os francezes admittiram o britannismo *pool;* mas, figurando na propria lingua a pronuncia ingleza, escreveram — *poule* — (que se pronuncia — *pule*, sendo o — *e* — final mudo).

Daqui procedeu então que portuguezes e brazileiros adoptassem o barbarismo.

Ah! que si houvesse um tribunal tambem para os infractores do purismo linguistico...

ETIQUETA (ÉTIQUETTE)

X

Entre as fontes, de que manam em largo jorro os barbarismos, occupam um dos primeiros logares os logistas, e empregados no commercio.

Recebem do estrangeiro as mercadorias, que trazem, como é natural, o nome respectivo na lingua do país, de que são exportadas; e quando o objecto, a que se refere o nome estrangeiro, não é d'aquelles geralmente conhecidos, lá sè vae repetindo a palavra estrangeira, que passa de bocca em bocca.

Si é, por exemplo, uma fazenda, um tecido differente de todos os outros conhecidos, e si o fabricante lhe deu alguma denominação especial, alludindo a tal ou tal qualidade, ou a alguma particular circumstancia, é o caso de introduzir-se o barbarismo, que alastra como herva damninha.

Succede tambem que por negligencia, ou ignorancia çhamam os vendedores de mercadorias — *Etiquetas* — cousa muito differente do que em portuguez se conhece por — etiqueta.

Etiqueta na lingua portugueza, ou *etiquetas* no plural, significa ceremonial proprio das igrejas, dos palacios, formalidades usadas entre a gente da côrte; entretanto por este contacto quotidiano do povo com os empregados do commercio, nos tractos de compras, e vendas, já a palavra *etiqueta* é empregada como = *rotulo*, *letreiro;* accepção que não tem, nem nunca teve na lingua portugueza.

Em francez *étiquette* é sem duvida alguma *rotulo*, *letreiro;* mas em portuguez *nunca*, *nunca se deve dizer semelhante barbarismo*.

Não é isto a confirmação do que tenho já dicto; isto é, que grande numero de barbarismos têm por causa a preguiça, e a negligencia? Açharão tambem que *étiquette*, palavra franceza, seja tão expressiva, que não haja em portuguez outra, que lhe corresponda, e dê idéa perfeita do que o tal vocabulo representa?

É só o que me falta ouvir. Isto causa indignação, e nojo; prova preguiça, tolice, em uma palavra, a *Advenomania linguistica* no seo maior gráo.

ATELIER

XI

Na minha qualidade de medico tenho muitas vezes chegado a pensar que esta decidida tendencia para preferir e adoptar palavras francezas e inglezas, não obstante possuirmos ás vezes melhores vocabulos do que os exoticos preferidos, revela no organismo do portuguez e do brazileiro certa aberração, que bem poderia na Psychiatria ser classificada—*Advenomania linguistica.*

Tanto mais fundada é esta minha suspeita, quanto vejo que muita gente ha de certo gráo de instrucção, a qual, não obstante reconhecer o vicio, em que incorre, é comtudo arrastada a commettel-o.

Para de alguma sorte attenuarem o culposo procedimento, inventam então differenças subtís, esforçando-se por provar que a palavra estrangeira, melhor do que a vernacula, exprime mais completamente o pensamento.

E' curioso investigar o modo, por que em nossa lingua taes barbarismos se insinuam.

A mim se me affigura que umas vezes é a preguiça de ir aos diccionarios ver a significação do termo; o qual pelo sentido do discurso mais ou menos se adivinha, julgando-se por isso o preguiçoso dispensado de lhe dar a palavra correspondente em portuguez.

Outras vezes a residencia mais ou menos longa em países estrangeiros é o motivo do peregrinismo; finalmente o gosto de dizer em francez ou inglez o que podiam dizer em portuguez, porque conhecem perfeitamente a significação da palavra.

Foi o que succedeu com o vocabulo francez *Atelier*.

Os que o empregam bem sabem o que a palavra significa; mas, ou porque estiveram em França; ou porque ouviram algum artista, ou operario francez dizer *Atelier*, foram repetindo a palavra, não obstante saberem que *Atelier* não é mais do que *Officina*.

Já me está parecendo que hão de querer crear differenças entre *Officina* e *Atelier;* mas por toda a resposta a esses offereço a leitura do artigo *Atelier* no diccionario de Bescherelle, que define *Atelier: Logar, em que trabalham artistas liberaes, e operarios mechanicos:* ora, é isto o que em portuguez se çhama *Officina*.

E' verdade que o illustre lexicographo accrescenta — sob a direcção do mestre; — e como hoje

indifferentemente se çhama tanto em portuguez, como em francez, *Atelier*, a sala, em que trabalham os que já não precisam de mestre, talvez queiram fundar nisto a differença entre *Atelier* e *Officina*.

Isso porém não constitue differença essencial; porque ainda assim o artista, e o operario estão *fazendo obras* (*Officium* vem de—*opus*, trabalho, e *facio*, eu faço) de sua profissão.

Não ha necessidade de *Atelier;* o termo portuguez é *Officina*, casa, sala de trabalho.

PENDANT

XII

Si eu fosse competente para escrever um diccionario da lingua portugueza, o que pensam os meos leitores que faria, afim de ver bem acceito, e com avidez comprado o meo trabalho?

Estou bem certo de que me responderiam: « Procurarias expungil-o de todos os vocabulos barbaros; darias definições lexicologicas com todo o acêrto; explicarias a origem de grande numero de termos, que por ignorancia da respectiva etymologia são mal orthographados; não acceitarias accepções erroneas dadas a esmo pelo vulgo, e a esmo admittidas por certos lexicographos; finalmente empregarias todo o cuidado, evitando omissões, e não esquecendo palavra alguma, que genuinamente á lingua pertencesse ».

E' verdade; assim parece que deveria proceder; mas a experiencia é grande mestra; e a experiencia me tem mostrado que não seria esse o maior merito do vocabulario.

Vós vos admirais?... Não nos devemos admirar de cousa alguma; *nihil admirari*, diziam os antigos.

Outro seria o meo plano.

Tenho notado muitas vezes que, quando entre duas ou mais pessoas, se discute sobre a significação de tal ou tal palavra, recorre-se a um diccionario; e com quanto, nem sempre seja auctor de boa nota o lexicographo, para quem appella um dos contendores, exulta este ultimo, si no tal diccionario encontra o vocabulo com a significação embora errada, mas que elle suppunha verdadeira.

Sirva de exemplo o vocabulo—*prosapia*—, que significando—*ascendencia*, é pelo vulgo tomado erradamente como—*jactancia*, *philaucia*, *amor proprio:* quem, como o vulgo, sustentasse a erronea significação, julgar-se-hia victorioso, mostrando no diccionario de Aulete esse dislate.

D'aqui se infere que nem sempre *o optimo* é *o melhor;* e é por isso que eu, dada a hypothese de ser capaz de compôr um diccionario da lingua portugueza, substituiria por palavras francezas e inglezas muitos vocabulos vernaculos: tenho para mim que os francelhos, que são *in magna quantitate*, elevar-me-hiam ao maximo gráo em materia de Philologia.

O diccionario de Aulete não só traz os barbarismos — *lanche*, e *lanchar*, mas até a propria palavra ingleza—*lunch !*

Eu portanto imitando-o, baniria de uma vez para sempre, por exemplo, a palavra — *Symetria*

(por ser de origem grega) e na lettra—*P*—encaixaria desassombradamente o lindo—*pendant*—francez. Oh! o *pendant!* que graça, que mimo! *Symetria* é *pesadão*, termozinho da moda empregado pelos gafanhotos litterarios para classificar os vocabulos portuguezes por elles desconhecidos, e o estylo classico, correcto, e de periodos ciceronianos.

Não ha necessidade alguma do tal *pendant; symetria* é a palavra portugueza, que lhe corresponde, ou respondencia, como diziam os classicos.

Ah! manes de Filinto Elysio!...

CHALET

XIII

A lei do progresso domina e governa a ordem moral, intellectual e material.

Tudo melhora, tudo se aperfeiçoa; o povo em sua linguagem despretenciosa repete a sentença — *de hora em hora Deos melhora;* — o philosopho e o litterato dizem como Eugenio Pelletan — *Le monde marche.*

A cidade do Rio de Janeiro, a bella Potamopolis, a linda capital do Imperio brazileiro, obedece, e não poderia deixar de obedecer tambem a essa universal lei, cujos effeitos mais se hão manifestado na ordem material.

Dezenas de novas e espaçosas ruas com formosas casarias de ambos os lados, renques de arvores plantadas em todo o seo comprimento, dando com seos esparaveis fresca sombra ás habitações, teem de tal sorte mudado o aspecto da cidade, que desconhecel-a-hia quem depois de alguns annos de ausencia a ella hoje voltasse.

Entre as novas edificações notam-se, principalmente nos suburbios, casas elegantes, umas mais

vastas que outras, com ornatos de madeira rendilhada, acompanhando a frente e os lados do telhado.

Dá-se aqui, e julgo que tambem em Portugal, á casa deste gosto architectonico o nome francez de *Chalet.*

Não é por certo de *Chalé*, vocabulo asiatico, que é um palmar, em que residem aldeados os officiaes mechanicos, que lhe vem a denominação: tão pouco, creio eu, que assim se chamem estas edificações, tomando como typo o *Chalet*, que na Suissa não é mais que uma cabana rustica, em que se estabelecem queijarias.

O mais provavel, sinão certo, é que assim como em França e na Suissa se chamam *Chalets* as casas de recreio, as habitações situadas no campo; assim tambem deu-se o mesmo nome, embora estrangeiro, a estas novas construcções.

Mas nós, que nem de Helvecios, nem de Gaulezes descendemos, porque havemos de usar de uma palavra d'elles, tendo em nossa lingua, *casa de campo*, *quinta*, *chacara?...*

Si se admittir que *Chalet* seja corruptela de *Chatelet*, (perdida a syllaba media — te —) como me parece que é; por que motivo não chamaremos a esta moderna habitação *Castellete* ou *Castellejo*; (parte superior dos antigos castellos) pois que algumas dessas modernas casas teem tal ou

qual semelhança, são um longiquo arremêdo de um *castellinho*?

Casa de campo é o vocabulo generico; *quinta* só se diz em referencia ás casas de campo em Portugal; a *çhacara* tem casa com a apparencia das casas communs; parece então que para designar esta especie de construcção moderna, *Castellete* é o melhor termo, não só por que já a lingua o possue, como por que o que se çhama *Chalet* traz uma recordação, posto que fraquissima, do antigo *Castellete*.

Eu direi *Castellete*, e não *Chalet*, quando estiver falando portuguez.

SPLEEN (palavra ingleza, que se pronuncia — *Splin*)

XIV

E' necessario antes de tractar deste britannico barbarismo, dizer algumas palavras, que se referem á anatomia e physiologia do corpo humano.

Çhamam-se *hypocondrios* os lados direito, e esquerdo do ventre, por estarem *debaixo* (*hypo*, em grego) das *cartilagens (condros)* das falsas costellas.

No *hypocondrio* direito, e internamente está situado o figado, no esquerdo o baço.

Acreditavam os antigos que certas faculdades, e paixões se localizavam em algumas visceras do corpo humano. No cerebro collocavam a intelligencia, no coração o amor, no baço o riso, no figado a colera, etc.

Sabem todos, pois que é frequentissimo o seo emprego, qual o sentido da palavra *Spleen*, (splin) que podemos dispensar, sem que o estado, que ella exprime, deixe de ser indicado.

Hypocondria é o vocabulo, que corresponde exactamente ao inglez *Spleen* (splin); além de *me-*

lancolia e taciturnidade, que muito se approximam do primeiro.

Comquanto julgavam os antigos medicos e philosophos que no baço está localizado o riso, (Persio e Horacio nos seos versos o confirmam) comtudo, como esta viscera tem relação com o figado, onde se acreditava residir a colera, a ira, e sendo na opinião dos mesmos antigos a *atra bilis* causa da melancolia (*melas*, negro em grego, e *kole*, bilis), tomaram os inglezes a palavra *Spleen* (splín) da latina *Splen* (baço) para exprimir *melancolia*, *taciturnidade*, *hypocondria*.

O latim porém, e as linguas que delle se derivam, formaram o termo para exprimir aquelle estado da alma, buscando-o na palavra que significa as regiões do ventre, *hypocondrios*, e fizeram o vocabulo *hypocondria*.

Tendo portanto nós a palavra *hypocondria*, já existente na lingua, empregada no latim, e em todos os idiomas descendentes do latim, porque usaremos do barbarismo?

Dirão os *britannelhos* que *hypocondria* não é tão expressivo, como *Spleen* (splin)?

Tal não se póde admittir; porque, si os inglezes formaram o seo vocabulo, *tomando-o do nome da viscera que está no hypocondrio esquerdo* — o baço — (*Splen*), tambem os latinos, e os povos, que falam linguas derivadas da latina, exprimiram a

mesma idéa, engendrando o vocabulo *hypocondria* do termo *hypocondrios*, onde estão situados á direita o figado, e á esquerda o baço; além de que a origem buscada pelos inglezes não é muito correcta, por ser opinião dos antigos que no baço (*splen*) estava localizado o riso e no figado a colera, a ira, etc.

Não ha portanto, motivo de esquecer *hypocondria*, e de empregar *spleen* (splin).

E como me foram concedidas as altas prerogativas da Curia Romana, neste meo *Index verborum prohibitorum* fica lançada mais esta palavra, e portanto *excommungada*, até por ser *protestante*.

LEADER (palavra ingleza que se pronuncia — *lider*)

XV

Por felicidade não vivo em Athenas no tempo de Solon.

Si eu fosse Atheniense, e contemporaneo do celebre legislador, já teria com certeza soffrido a pena por elle imposta ao cidadão, que olhava com indifferença para o movimento politico da Grecia.

Dou graças a Deos que permittiu o meo apparecimento no novo mundo, e vinte seculos depois.

Neste abençoado solo, onde a arvore da liberdade dá fructos de apparencia, gosto e odor desconhecidos de muitos povos, ninguem me toma contas do motivo, por que, sendo cidadão no pleno gozo dos direitos politicos e civis, abdiquei d'esses direitos, e assisto impassivel ao drama social, cujas peripecias julgam os homens adivinhar, mas que só o divino Artista conhece, e sabe quando se hão de realizar.

Nos grandes comicios, em que *se figura* que vae a nação manifestar sua vontade, seo parecer, em summa seo voto, eu não compareço: tenho curtissima a intelligencia para comprehender o complicado mechanismo do *self-governement*, ou falando portuguez, da *auto-governação*.

Não obstante, cahe-me debaixo das vistas, e me entra pelos ouvidos o que se passa na atmosphera politica do *ninho meo paterno*.

Não chega, porém, a minha isenção e indifferença ao poncto de cerrar os olhos e ouvidos aos debates, ás discussões extra-parlamentares, que os meos concidadãos, ardendo em invejavel amor da patria, calorosamente sustentam, defendendo uns e condemnando outros este ou aquelle acto governativo.

Foi por isso que muitas e muitas vezes ouvi pronunciar a palavra *leader* (lider).

Como estava desprevenido, a primeira vez que a ouvi proferir por um enthusiasta politico, que n'essa occasião pertencia á minoria, e por consequencia era opposicionista, sendo a conversa em portuguez julguei que o termo pertencia tambem á mesma lingua, em que conversavam, ou antes ardentemente discutiam os dous contendores.

Repetida, porém, mais vezes a tal expressão reconheci que era um substantivo inglez; o que

me causou grande admiração, porque nenhum dos dous debatentes sabia a lingua ingleza.

Mas por que usaremos sem necessidade de uma palavra ingleza, quando temos a equivalente em portuguez? *Leader* em inglez significa—*o guia, o que vae adiante, o que mostra o caminho, o commandante, o cabeça, o chefe, o que dirige*. Quando parlamentarmente falando, os inglezes dizem *leader*, não dizem mais do que o *chefe*, o *guia*, etc. Si queremos portanto imital-os, digamos tambem na nossa lingua, como outr'ora se dizia nas casas do parlamento, *o chefe da maioria*, *o chefe da minoria*, etc. Tanto isto é verdade, que os proprios inglezes teem a locução *leader-ring*, chefe de partido.

Já não basta o *bill*, que tem a sua traducção nos vocabulos *projecto*, *proposta*?

Leader é affectação; é gosto de matizar com termos inglezes o nosso idioma.

PEIGNOIR

XVI

Eu bem vejo que na minha qualidade de representante do sexo forte, e sendo, como sou, velho, hei de ter tractado com desaso (não digo *gaucherie*, porque estou escrevendo portuguez) os assumptos que exclusivamente *ás flores da humanidade* pertencem; mas como é bôa a intenção, espero merecer perdão.

Vou fazer uma supplica ao bello sexo.

É supplica facil de ser attendida; nem eu ousaria pedir impossiveis.

Sei que pela publicação, que d'estes neologismos tenho feito nos jornaes, muitos têm sido os casos de emenda e correcção, principalmente por parte do bello sexo; razão pela qual espero que elle agora se mostrará exoravel ao pedido, que com o maior respeito lhe dirijo.

O sexo, a que pertenço, é vaidoso; como se denomina *forte, não dá o braço a torcer;* e embora reconheça o erro, no erro insiste e persiste.

Vós, porém, meigas e doceis por natureza, sem fatuidade litteraria, uma vez convencidas da bôa razão, que me assiste para aponctar os vocabulos portuguezes correspondentes aos barbarismos deturpadores da lingua vernacula, não hesitaes um momento, e daes um exemplo de docilidade, que é para mim o mais seguro penhor de triumpho n'esta revolução linguistica.

Sereis, portanto, vós as heroinas d'esta batalha, as que marchando na vanguarda plantareis no campo dos invasores o estandarte da restauração do nosso formoso idioma. Diante de tão invencivel cohorte não ficará barbarismo por destruir; serão todos rebatidos e aniquilados.

Mas vamos a expor a supplica.

Aquelle traje caseiro, que impropriamente chamaes *peignoir*, e que algumas vezes traduzís por *penteador*, tem em portuguez nome especial.

Denomina-se sem erro *penteador* (*peignoir* em francez) uma especie de camisa de largas mangas, que é vestida pela pessoa, a quem se corta e *penteia* o cabello.

Deram tambem os francezes a mesma denominação *(peignoir)* ao vestido ancho, e folgado, que as senhoras usam nas primeiras horas da manhã, e que muitas vezes durante todo o dia conservam.

A esse traje çhama-se em portuguez, e muĩto apropriadamente—*roupão*—(augmentativo de roupa).

Por que dareis então o nome de *penteador*, e ainda mais por que empregareis o termo francez *peignoir*, quando esse traje não serve para o fim, que o nome indica?

Despi, portanto, eu vos supplico, o *peignoir* francez, e vesti o vosso *roupão*.

APPENDICE

UM OUTRO, UMA OUTRA

Têm por brasão os povos cultos conservar, o mais que podem, estreme e pura de barbarismos a lingua vernacula.

Mas não sei por que máo fado, com os que falam portuguez, o contrario succede: inçar de peregrinismos, e termos vindiços a linguagem nacional parece ser o seo mais glorioso timbre.

Este vergonhoso e lamentavel defeito, já de seculos radicado em Portugal, e no Brazil, tal incremento vae de dia em dia tomando, que a deturpação dos vocabulos e das construcções syntacticas acabará por transformar o abastardado portuguez em inintelligel geringonça.

São réos confessos d'este condemnavel alienigenismo litterario poetas e prosadores de ambas aquellas nações, alguns até acclamados pela voz da Fama eruditos philologos.

Postergando a leitura dos classicos, e tressuando francez por todos os póros, do apedeutismo se lhes gerou a depravação do gosto, *malacia litteraria*, que no país das lettras luso-brazilicas endemicamente reina.

Habituados exclusivamente ao insulso tempero da cosinha gallicana, estranham o sal da succulenta phrase portugueza ; e nem córam de dizer—*guardar o leito*—(garder le lit) por *estar de cama*; *qualquer um* (quelqu'un); *de resto* (du reste) em logar de *alem d'isso*, *demais*, *emquanto ao mais ; venho de ler* por *acabo de ler ; fez* (!) (na linguagem dialogada) em vez de *disse*, *replicou*, *retorquiu*, etc., e mil outras erronías, muĩtas das quaes conscientemente, e com estupido garbo se ufanam de commetter.

Nada porèm está tão generalisado, como as detestaveis expressões — *um outro* — *uma outra*, jamais usadas pelos classicos, jamais proferidas por quem se preze de falar correctamente.

Litteratos, oradores sagrados e profanos ; nobres e plebêos ; jornalistas, historiadores, romancistas; quasi tudo, em summa, diz e escreve—*um outro, uma outra ! !* . . .

Aos taes francophilos se affigura que a expressão assim afrancezada dá maior força á phrase; e por isso até, quando a pronunciam, emphaticamente a proferem !...

Dos papagaios riem-se os homens, porque aquelles, postoque articulam sons perfeitamente similares ás palavras, lhes ignoram o sentido, e a idéa ; com mais razão deve ser causa de riso o primaz da escala zoologica, quando, quasi machinalmente, emprega locuções barbaras, de que resulta absurdo.

Um e outro são adjectivos indefinitos; reunil-os é, alem de crear um gallicismo, formar uma expressão contradictoria. *Outro* é jà a opposição de *um*: quando se diz, por exemplo, — *um* é bom, *outro* é máo, o adjectivo indefinito *outro* exprime opposição relativa ao adjectivo articular indefinito —*um*—: junctar os dous adjectivos é ligar palavras entre si repugnantes pela hetereogeneidade das idéas, que encerram.

Diz o comprador ao livreiro: Dê-me *um* exemplar de tal obra: examinado o exemplar, que achou estragado, accrescenta: Este não serve; dê-me *outro*; e não, nunca, *um outro.*

Chegou *um* mensageiro; pouco depois *outro.* Onde a necessidade, para nos fazermos comprehender, de reunir o adjectivo articular —*um*— ao adjectivo indefinito —*outro?* Poderá alguem suppor, quando o comprador pede ao livreiro *outro* exemplar, quando digo haver chegado *outro* mensageiro, que se confunda com o primeiro exemplar, ou com o primeiro mensageiro o adjectivo —*outro*— por não estar precedido de —*um*— *?...* Um doente, já restabelecido, diz: Agora sou *outro;* agora estou *outro;* agora sinto-me *outro;* e não, nunca: sou *um outro,* estou *um outro,* sinto-me *um outro.* Só por que não seja n'estes exemplos precedido de —*um*— o adjectivo —*outro*—, poder-se-ha entender que o doente é o *mesmo,* está o *mesmo,* sente-se o *mesmo?...*

Outro ou é a traducção de *alius;* (outro em relação a muitos) ou a traducção de *alter;* (outro em relação a dous) e n'este caso póde tambem ser traduzido como *segundo.*

« No valor e felicidade foi *outro* Cesar ». — N'esta, bem como em phrases analogas, posto que o adjectivo —*outro*— é traducção de *alter,* e equivale a *segundo,* ainda assim não empregam os classicos o adjectivo articular —*um*— precedendo a—*outro*—; não se deve pois dizer nem n'esta hypothese é —*um outro* Cesar. Embora seja n'este exemplo— *outro* Cesar o mesmo que *segundo* Cesar; é *outro,* é *diverso,* não o mesmo na sua realidade pessoal; e por consequencia ainda ha uma idéa de opposição, não obstante possuir o tal individuo muitos ponctos de semelhança com Cesar.

Prevejo a irritação que ha de este reparo produzir nos *tarelos,* como çhamava Filinto Elysio aos que eu denomino *francophilos :* talvez alguns dos taes, como crianças teimosas e malcreadas, esperneiem e bradem que *hão de, hão de continuar* a dizer e a escrever o gallicismo; é provavel que outros á guisa de garotos ridicularizem estas reflexões, como é costume dos mais velhacos para disfarçar a ignorancia; o que é certo é que todos esses, quanto mais pretendem tirar-me, mais me dão; o que é indubitavel é que para minha completa satisfacção bastam-me a acquiescencia dos

animos desprevenidos, e *o voto dos que sabem ler, e escrever.*

Depois d'esta leitura observe cada qual as vezes, em que terá de ouvir e ler —*um outro, uma outra;* e reflectindo sobre as razões apresentadas reconhecerá *que é sempre possivel sem prejuizo do sentido* supprimir o adjectivo articular —*um*—, dizendo e escrevendo *outro, outra*, e não, nunca *um outro, uma outra.*

SESTROS LITTERARIOS

SI, COMSIGO, DE SI, PARA SI

Ao mundo em varios tempos varios sestros
Costumam attacar...

C. Lopes.—*Resurreições*

Quer-me parecer que caminhamos para outra realisação do mytho biblico referente á torre de Babel.

Começa a reinar a confusão da lingua, e os obreiros da grande torre do progresso, por segundo castigo de suas audacias, vão dentro em pouco deixar de se entender.

Philologos da geração presente, tomae notas acertadas d'esta nova evolução do organismo social, para formardes mais justas classificações; anatomistas especiaes da glotte, empregae todo o cuidado na delicada dissecção, levantando na ponta do escalpello as ultimas fibras dos musculos, vasos e nervos.

Ninguem julgue que me vou occupar d'essa barbara invasão de vocabulos, e construcções de phrases, com que a pequice dos tarecos tem de-

turpado nosso magestoso idioma: não, não ha diques, nem paradeiros, que obstem á caudal torrente; o remedio portanto é nos consolarmos com a sentença: *Levius fit patientia quidquid corrigere nefas.*

De poucos annos para cá surgiu em Portugal, e principalmente na culta Lisboa, um certo modo de falar, que, em falta de melhor classificação, çhamarei— *Solecismo alfeninado.*

Nas altas regiões aristocraticas, nos circulos da mais estreme sociedade, nas gazetas, nos folhetins, nos romances, nas composições dramaticas, finalmente, em toda essa farragem litteraria, que atulha e tafulha as pacientes estantes das bibliothecas, lá está em toda a plenitude de seo desenvolvimento o *microbio* devorador da formosa pupilla de Camões e de Vieira: os estragos são já consideraveis!

Medicos sectarios da escola parasitaria, pedi a algum illustre Pasteur da philologia, um antidoto para extinguir esse *cryptococus sui generis.*

A endemia litteraria não se limitou ao paiz onde nasceu; atravessou o Atlantico, e sem encontrar cordão sanitario, que se lhe oppuzesse, veio acclimar-se no Brazil!

Estamos todos, digo mal, está tambem entre nós grande numero de pessoas affectado de *solecismite alfeninada.*

O mal vae lavrando com intensidade aterradora, e si não houver juncta hygienica que decrete efficazes processos de desinfecção e especificos heroicos para a completa extincção d'aquelle, ai da misera pupilla!...

Affigura-se-me que o espectro de Filinto Elysio levantando indignado a lousa do sepulchro:
Na tersa phrase, que jamais perdêra
Graves solta do peito estas palavras:
« Lingua, que tanto honrei, que tão castiça
« No mundo, quando vivo, te fallára,
« Breve teo fim terás!... Giria, vasconço
« Has de em breve tornar-te!... »

CASTRO LOPES.—Resurreições.

Mas quaes os indicios da doença terrivel? qual o seo symptoma pathognomonico? Eis o que importa conhecer para cuidadosamente d'ella nos preservarmos.

Quando, amigo leitor, virdes, ou ouvirdes as palavras *si*, *comsigo*, *de si*, *para si*, etc., que bem sabeis serem as variações do pronome reflexivo *se*, cuidado!... acautelae-vos!...

Si o auctor ou interlocutor, que vos occupa a attenção, empregar as taes variações de modo *que ellas não se refiram ao agente grammatical da oração*, ahi tendes diante de vós um enfermo affectado de *solecismite alfeninada*.

Em tal caso a melhor resolução, que tomareis é fugir, fugir immediatamente; e para vos abstergerdes da impureza de tal contagio, observae com toda a confiança a receita do grande especialista das molestias litteratias da glotte, o já citado Filinto, cuja fórmula é a seguinte:

« Abra-se a antiga, veneranda fonte
« Dos genuinos classicos, e soltem-se
« As correntes da antiga e sã linguagem. »

Esta doença tem sido causa de mais de um galante *qui-pro-quo*.

Certo litterato, victima da *solecismite*, indo á casa de um amigo, dava á mulher d'aquelle a seguinte noticia: « *Felicito* á V. Ex.ª pela boa compra, que fez hoje seo marido.—Qual foi?—Um çhapéo, que comprou *para si*, e que *em si* ha de ficar ás mil maravilhas.— Foi um desperdicio; por que ainda hontem comprou elle o çhapéo, com que hoje sahio.—Mas, perdôe-me V. Ex.ª, o çhapéo não foi para elle, mas *para si*. A' vista da instancia a senhora começou a suspeitar que o illustre litterato estava com o juizo a arder, e por causa das duvidas não entrou em mais explicações.

Apresentava um poderoso patrono a um ministro um candidato; e depois do conveniente exordio dizia:

« A' vista das innumeras habilitações do meo cliente, o que desejo e peço a V. Ex.ª é que arranje

um logar *para si*. O ministro, que era bom grammatico, e que já tinha idéa da nova doença, respondeu gracejando:

« Por esse lado não se inquiete, que já está arranjado. »

Adoecêra do seo achaque rheumatico um velho de genio impaciente: manda chamar o medico, mas este, por infelicidade, estando tambem adoentado, responde por escripto dando-lhe essa noticia, e declarando que iria dentro em pouco tractar *de si*.

Ao ler uma tal resposta, o velho enche-se de colera, e manda-o despedir, quando poucas horas depois o medico se annunciou.

E' longa a lista das equivocações, que a tal *solecismite alfeninada* póde occasionar.

Recebe do seo protector o seguinte bilhete um individuo, que pretendia um emprego: « Amigo e senhor.— Não falei ao ministro sobre a sua pretenção, porque o Dr. F. me disse que já tinha pedido ao ministro esse logar *para si*, e que o obtivera. »

O Dr. F. era intimo amigo do pretendente, não precisava do emprego, nem este de modo algum lhe podia convir por ser logar subalterno.

A' vista porém do bilhete o pretendente levado por um assomo de indignação, escreve ao Dr. F., exprobra-lhe o seo procedimento, e protesta romper a antiga amizade.

O Dr. F., que outra cousa não tinha feito, sinão interessar-se muito pelo pretendente, para quem obteve o emprego, fica perplexo e sem saber o que concluir de tal *embroglio*, até que se resolve a entender-se pessoalmente com o amigo injustamente queixoso.

Chegam ambos então a conhecer que toda aquella desordem procedeo do maldicto — *si* — erroneamente empregado! ..

Mais um para rematar a serie dos factos burlescos da *solescimite alfeninada.*

— Sr. A., sabe que o Visconde de ***, já riquissimo, tirou hontem a sorte grande? — O meo compadre e amigo? — Sim; e saiba mais que me disse ser sua intenção gastal-a toda *comsigo.*

— E' porque é um egoista sem igual. — Ao contrario; só vejo n'isso uma prova da maior e mais estupenda generosidade.

Os dous se entreolharam, e cada um disse *de si para si, e falando comsigo:* — Parece que estamos em uma casa de orates; este homem não está *em si.*

Agora verá o leitor que, não obstante haver eu empregado, nas ultimas linhas precedentes, as variações do pronome — *se* — (de *si* para *si*, *comsigo*, *em si*) não estou infeccionado da molestia, porque usei d'ellas, como todos os que sabem grammatica usam, isto é, *fazendo-as referir-se ao agente grammatical*

da oração; e não á pessoa, a quem, e com quem falamos; *o que é attentado contra a logica, construcção abominavel, monstruosa locução, ridicula affectação do dizer e do escrever, cinca imperdoavel, torpe solecismo, erro palmar, emfim, vicio grammatical digno da ferula dos Orbilios ! !*

Reflecti que taes variações do pronome *reflexivo* são tambem *reflexivas.*

Uma supplica á mocidade seja o fecho d'este desabafo :

Jovens, que em philosophia estaes fascinados pelos falsos clarões de perigosas doutrinas ; vós que com os vossos predilectos mestres apenas concedeis o favor de *não negar nem affirmar a existencia de Deos;* que eivados de louca presumpção não admittis a perpetuidade da sobrevivencia individual; que no delirio de concepções impossiveis *negando a Divindade divinizaes a materia;* vós, que por effeito de taes theorias tendes já pervertido o sentimento do bello em todas as ordens da natureza ; vós, que em litteratura tocastes á ultima depravação do gosto ; vós, para quem os archétypos classicos são velharias despreziveis, porque lhes ignoraes as riquezas, que o douto pó de seculares camadas occulta aos vossos versateis olhares ; vós, que pareceis querer arrancar o trigo para plantar o joio ; respeitae ao menos a fórma da expressão: não seja o vosso grito « *Delenda grammatica !* »

A linguagem é sem duvida o traje do pensamento; mas não sujeiteis ao capriçho da moda as vestes das vossas idéas, como o fazeis com as roupas do vosso corpo.

VOCABULARIO NEOLOGICO PORTUGUEZ

ABAT-JOUR: Lucivélo, ou lucivéo, s. m. (Vede pag. 11).

APLOMB: Prumo, (instrumento) s. m.; desempeno. (Vede pag. 19).

AVALANCHE: Runimol, s. m. (Vede pag. 23).

BIJOUTERIE: Joalharia, s. m. Neologismo formado de substantivo *joalheiro*, que já existe en portuguez.

CABOTAGEN: Costeagen, s. f. (Vede pag. 61).

CACHE-NEZ: Focále, s. m. (Vede pag. 5).

CALEMBOURG ou CALAMBOUR: Anciverbio; palavra que se presta a mais de un sentido. Este neologismo é formado de *anceps*, *ancipitis*, (duvidoso) e *verbum*, *i* (palavra).

Pode tamben traduzir-se *Calembourg* pelo termo — *equivoco;* mas não por *trocadilho*.

CHARIVARI: Peniludio, s. m.; algazarra, assuada, bulha, gritaria, matinada. (Vede pag. 75).

CARNET: Choribel, (coribél) canhenho s. m. (Vede pag. 37).

CLAQUE: Venapplauso, applauso vendido pelos que nos theatros baten as palmas aos actores, por dinheiro, ou por algun outro motivo; applauso

forçado, não espontaneo. Este neologismo é formado com o adjectivo — *venal* —, e o substantivo *applauso*.

DRAINAGE: Haurinxúgo, s. m. Fazer o haurinxúgo — haurinxugar, (termo cirurgico) hauricanulação; hauricanular (v. a.) (Vede pag. 63).

ENGRENAGE: Entrosagem, s. f. (Vede pag. 51).

FEERICO (féerique): Fádico, fádica, adject. (Vede pag. 55).

LENDEMAIN: Postridio, s. m. (Vede pag. 71).

MASSAGE: Premagem, s. f. (Vede pag. 81).

MEETING: Concião, s. f. (Vede pag. 13).

MENU: Chardapio (cardapio) s. m. (Vede pag. 27).

MISE-EN-SCÈNE: Enscenação, s. f. (Vede pag. 59).

NUANCE, NUANCES: Ancenubio, s. m.; ancenubios (plur.) (Vede pag. 7).

OUVERTURA: Protophonía, s. f. (Vede pag. 47).

PARVENU: Plutenil, s. m. (Vede pag. 43).

PIC-NIC: Convescóte, s. m. Vede pag. 33).

PINCE-NEZ: Nasoculos, s. m. (Não tem singular; não se deve dizer o Nasoculo). (Vede pag. 3).

POSE: Attitude, postura, posição artistica, posição academica; s. f. (Vede pag. 67).

POSER: Posturar; pôr em posição artistica; v. a. (Vede pag. 67).

RECLAME: Preconnicio, s. m. (Vede pag. 1).

TAMPONNEMENT: Operculisação, s. f. (Vede pag. 79).

TOURIST: Ludambulo, s. m. (Vede pag. 41).

VOCABULARIO DOS BARBARISMOS DISPENSAVEIS (*)

ACCLIMATAR (acclimater): En portuguez deve dizer-se *acclimar;* por que o substantivo portuguez é *clima*, e não *climat*, que é francez.

ADRESSE: Cartão, ou bilhete com a indicação do domicilio; *endereço.*

ARRIÈRE PENSÉE: Segunda tenção.

ATELIER: Officina, tanto para as artes liberaes, como mechanicas. (Vid. Dicc. de Bescherelle,) (pagina 119 deste livro).

BATISTE: Cambraia, (téla finissima) que se çhama en francez — *Batiste*—do nome do fabricante. (Vid. Dicc. de Bescherelle).

BIJOUTERIE: (Vede Vocabulario dos Neologismos).

BOOK-MAKER (*buk-mêker):* Estas duas palavras significam litteralmente *fazedor de livros.* En Londres fizerão com ellas um cerebrino neolo-

(*) Parece superfluo este *Vocabulario*, porque os diccionarios trazen a significação *de quasi todos estes termos francezes;* mas como, não obstante, insiste-se no abuso de barbarismos, insisto tamben en recordar os vocabulos correspondentes en portuguez.

gismo para exprimir propriamente—*O corretor de apostas nas corridas de cavallos*. E foi adoptado en Portugal, e no Brazil! Entretanto é o sentido mais forçado, que se póde imaginar. Mas é *inglez*...

BOUDOIR: Camarim, gabinete elegantemente ornado.

BOULEVARD: Calçada.

BOUQUET: Ramalhete, ou ramilhete.

ÇA DEPEND: Phrase, que não deve fazer esquecer a nossa locução portugueza: Tem seos conformes; ou o adverbio—conforme.

CALEMBOURG: (Vede o Vocab. dos Neologismos).

CHAISE LONGUE: Espreguiçador; (o povo diz—Espreguiçadeira).

CHALET: Castellête, ou castellejo. (Vede pag. 127).

CHAMPIGNONS: Cogumelos, ou tortulhos. (Vede pag. 95).

ÇHANÇA (Chance): Probabilidade, occasião, alternativa, dita, fortuna, encontro. Intoleravel gallicismo, porque até se confunde com *çhança* — mófa, zombaria, dicto gracioso.

CHATELAINE: Corrente da castellã. A palavra *chatelaine* é adjectivo, que significa—*de castellã, relativo a castellã*: o substantivo com que concorda é *chaine* (cadêa, corrente). Por abbreviatura é que os francezes çhamão *chatelaine* a cadêa, en que as senhoras trazen os instrumentos de costura, e modernamente o relogio.

CLAQUE: (Vede o Vocabulario dos Neologismos).

CLIMATERICO: gallicismo; climerico deve ser o adjectivo; por que o substantivo portuguez, é *clima*, e não *climat*, que é francez.

CLIMATOLOGIA: Deve dizer-se *Climalogia;* porque o substantivo portuguez é *clima*, e não *climat*, que é francez.

CHEFE D'OBRA: Gallicismo (chef d'œuvre) deve dizer-se *obra prima*, *primor d'arte*.

CLUB: britannismo desnecessario; en portuguez é sociedade, gremio, reunião, associação, assembléa.

COMITÉ: Parece incrivel; mas *Aulete*, e a 7.ª edição do Diccionario de Moraes trazen este termo francez, como necessario para a lingua portugueza! Entretanto dá-lhe a significação—Juncta, reunião. Então para que o termo francez? Parece que todos perderão o juizo!... Accrescenta mais esta belleza a 7.ª edição do Diccionario de Moraes, que *Comité* ven do inglez (!!); e não conheceria quen tal escreveu os vocabulos latinos *Comitatus*, *us*, *Comitium*, *ii?*

CONFECCIONAR: E' gallicismo; deve dizer-se— fazer, fabricar, compôr, preparar, formar, organizar.

CONSTATAR: Repugnantissimo gallicismo, desnecessario; porque temos—verificar, certificar, documentar, authenticar (segundo o sentido do discurso).

Crêche: Estrebaria, cavallariça, presepio, ou presepe, estabulo, manjadoura (Vede pag. 109).

Crochet: Croquezinho, diminutivo do termo portuguez—*croque*—. A palavra franceza *crochet* é o diminutivo de *croc;* diga-se portanto tamben en portuguez o diminutivo do vocabulo portuguez *croque*.

Croquis: Esboço; é desnecessario o barbarismo.

Debut: Escusado gallicismo; en portuguez diz-se — *estréa.*

Debutar: Gallicismo desnecessario; o verbo portuguez é *estréar* (v. a.), *estréar-se* (v. r.).

Demi-monde: Neologismo francez, que se ten traduzido por — *Mundo equivoco* — (que é gallicismo por causa do termo—mundo). Eu traduzo—*Sociedade especiosa*, porque *especioso* quer dizer de apparencia enganadora.

Detalhe: Gallicismo muito usado na linguagem militar; mas que póde ben ser dispensado, por termos — relação por menor; (no plural) pormenores; particularidade, individuação, exposição circumstanciada, minudencia.

Elite: Flor, fina flor, nata, gemma. (Vede pag. 105)

Emoção: É gallicismo; tal termo nunca os classicos empregarão; commoção é que se deve dizer.

Ensemble: Conjuncto, sendo portanto dispensavel o barbarismo.

ENVELOPPE: O mais desnecessario dos barbarismos; en portuguez temos o vocabulo o mais proprio possivel—*sobrecarta*—.

ETAGÈRES: São prateleiras; en francez só se usa este vocabulo no plural. En portuguez empregão este gallicismo, dando-lhe o numero singular, en vez de chamar—*aparador*.

ETIQUETTE: Rotulo, lettreiro. Os francelhos çhamão os rotulos e lettreiros *etiqueta;* termo que en portuguez significa sómente —ceremonias de palacio, de igreja, formalidades de côrtes, e casas nobres. (Vede pag. 117).

FAISANDÉ: Tocado, putrefacto, passado. Os francezes empregão a palavra applicando-a ao estado das aves, já quasi podres, como elles gostão de comer. E' portanto inutil o barbarismo.

FAUTEUIL: Poltrona; não é necessario usar da palavra franceza.

FEZ: Nojoso gallicismo, quando na linguagem dialogada se emprega, substituindo os verbos—*disse*, *replicou*, *observou*, *atalhou*, *accudiu*, *retorquiu*, *redarguiu*, e semelhantes.

FESTIVAL: Este é un gallicismo moderno dos mais detestaveis, que os jornaes repeten. *Festival* é adjectivo en portuguez, e nunca foi, nen será substantivo. Os substantivos, que exprimen essa idéa, são —*festa*, *funcção*, *festivi-*

vidade, festança, festim, solemnidade, espectaculo, diversão.

FICHU: Lenço de tres ponctas.

FISSURE: Os diccionarios dão a significação do termo, que é: *fenda, racha.* Entretanto medicos ha, que dizen por gosto especial—*fissura.*

FLANEUR: Passeiador, vadio, badajo, tunante, vagabundo, birbante, peralvilho, paralta, ocioso.

FOULARD: Lenço de seda da India. Hoje já os mercadores de pannos e lençarias dão tamben o nome de *foulard* a uma seda propria de vestidos. Neologismos mercantis.... Até esse gallicismo *foulard* ven confundir-se com *folar,* presente que se dá pela Paschoa.

FRAPPÉ: Resfriado, quando se fala dos vinhos, e outros licôres resfriados nos gêlo. Assin como se diz—*vinho resfriado (frappé),* não se deve dizer d'agua, e de qualquer outra bebida — *gelada;* salvo, quando o liquido toma a consistencia de gêlo.

GARE: Estação, embarcadouro. E' desnecessario o barbarismo *gare.*

GOLPE DE VISTA (*Coup d'œil*): E' gallicismo; en portuguez diz-se *vista d'olhos, olhada, olhar, volver d'olhos.*

GUARDAR O LEITO: Este gallicismo causa riso pela idéa inteiramente opposta á que taes palavras exprimen en portuguez. *Garder le lit* é estar

de cama; guardar o leito é pôl-o en logar seguro.

GRÊVE: Os operarios fizerão *grêve*; dizen os jornaes, (que julgamos estaren escriptos en portuguez): não saberáõ os que tal escreven o que é *fazer parede?*

Na praça de *Grêve* é que costumava o povo reunir-se para alguma sedição.

GROOM: É o creado moço, que traz o *palafren* pelo freio, e que por isso se çhama *palafreneiro*. Os romancistas vão a torto e a direito denominando *groom* a qualquer creadinho!...

HOTEL: Não ha necessidade d'este vocabulo estrangeiro: *hospedaria* é o termo genuinamente portuguez; mas *a preguiça*, e o *philadvenismo* preferen *hotel* para ter duas syllabas... Não sei como ainda não creárão o verbo — *hotelar-se* para substituir — *hospedar-se!*

Os francelhos ainda dizen por muĩto favor: *Hospedei-me* no *hotel*.

INSTALLAR: Gallicismo; (em que peze aos redactores do nosso *Acto Addicional*). Diz-se en portuguez: constituir en cargo, en dignidade, investir, metter de posse, estabelecer.

LEADER (pronuncia-se *lider*): É britannismo superfluo: en portuguez diz-se — o chefe, o cabeça, o guia, o caudilho, o director.

Não é exacto que os inglezes na linguagen parlamentar dêen significação especial ao termo *Leader* (lider); empregão-n-o, como nós podemos dizer, e dizemos nas mesmas circumstancias, — na significação de chefe. Ha em inglez a expressão particular— *Leader-ring* que quer dizer — *chefe de partido.* — Por consequencia pode-se muĩto ben dizer, dispensando o britannismo *Leader*, — o chefe dos debates. (Vede pag. 135).

LOJA: Quen fala portuguez, sabe que *loja* é casa, en que se venden mercadorias; ou casa terrea por baixo de sobrado, ou finalmente sociedade maçonica. Fóra d'estas accepções é gallicismo o termo loja, que para vergonha nossa se lê en un dos nossos theatros, indicando *camarote* (!!!); por que camarote en francez é *loge*.

LUNCH, ou LUNCHEON: Britannismo escusado; merenda é o termo portuguez (Vede pag. 29).

MARCHE AUX FLAMBEAUX: Marcha com luminarias; passeio com illuminação; passeio com luzes. E' portanto desnecessario usar das expressões francezas.

MARRON: Castanha; côr de castanha (Vede pag. 59).

MISE EN-SCÈNE: (Vede a pag. 914).

PEIGNOIR: Roupão; e tamben penteador, quando é a camisa de mangas largas, que se veste na

occasião de cortar e penteiar o cabello (Vede pag. 139).

PENDANT: Symetria; respondencia (Vede pag. 123).

PLATEAU: Çhapada, planura, çhapadão.

PORTE-MONNAIE: Mealheiro, (bolsinha assin chamada de ũa moeda antiquissima que tinha o nome de *mealha*).

POSE: Postura, attitude, posição academica (Vede o *Vocabulario* Neologico pag. 67).

POSTA-RESTANTE: Esta locução não é gallicismo. En portuguez a palavra — *posta* — significa — correio —; e *restante* é o adjectivo do verbo *restar*.

Posta-restante significa — o correio, ou as cartas que ficão de resto no correio.

Por que muitas palavras se assemelhão ás francezas, nen por isso serão barbarismos, visto haver grande numero de vocabulos, que do francez passárão para o nosso idioma desde os mais remotos tempos da formação da lingua.

POOL (pule): Parada, termo de jogo; parada, que se faz nas corridas de cavallos, que são tamben un jogo (Vede pag. 113).

RENDEZ-VOUS: Estancia, prazo dado, entrevista, parada, poncto, (poncto de reunião).

REPORTER: alviçareiro.

ROBE DE CHAMBRE: Roclό, que antiquissimamente se dizia *rocloró* (Vede pag. 101).

RUCHE : Colmêa, (cortiço de abelhas). Os francezes çhamão a un enfeite de mulher *formado de fôfos á semelhança de colmêa — ruche — ;* çhame-se portanto tamben en portuguez — *fôfos de colmêa ;* não ha necessidade da palavra franceza.

SOUTACHE : É un certo *trancelim* usado pelos militares. Os mercadores de fazendas de armarinho derão a denominação de *soutache* a ũa especie de *trancelim*, que por isso designão com esse nome especial, mas que afinal é sempre *trancelim*.

SPLEEN (pronuncia-se *splin*) : Hypocondria (Vede pag. 131).

TÊTE-À-TÊTE : Colloquio, conversa entre dous.

TABLEAU : Esta palavra é muĩtas vezes empregada en fórma de interjeicção — *Tableau !* *Tableau* significa painel, quadro ; que difficuldade ha de traduzir essa interjeicção por esta outra portugueza — Que quadro ! Que painel ! Ou simplesmente — *Quadro !*

Diz-se muĩtas vezes en portuguez, falando de scenas alegres, ou tristes — *Que quadro !*

TOILETTE : Traje, vestimenta ; e tamben quarto de vestir.

TOAST (pronuncia-se *tóst*) : Brinde, saudação que se faz á mesa. Que necessidade ha do britannismo ?

Na côrte de Henrique VIII, rei d'Inglaterra, era uso encher um cópo d'agua do banho, enquanto a raínha o estava tomando; e lançar no mesmo cópo ũa fatia de pão torrado (*toast*).

Bebia en primeiro logar o rei, passando depois o cópo aos gentishomens; o ultimo comia a torrada.

Çhamava-se isto fazer un *toast*.

Ũa vez tendo o embaixador de França recusado beber no tal cópo, desculpou-se dizendo ao monarcha inglez:

— Senhor, eu deixo o liquido para os vossos gentishomens; e si V. Magestade me auctorisar, guardo-me para a torrada.

Ora, o *toast* que nesse dia estava no banheiro, era Anna Bolena. Tanta graça e çhiste achou Henrique VIII no dicto do embaixador, que no postridio lhe enviou a insignia da Orden da Liga (*Jarretière*).

Onde porên o *Intermediario dos excavadores, e curiosos* açhou esta anedocta? Ao certo não se sabe.

Este uso de beber a agua do banho da raínha é anterior ao seculo XVI.

Reinava como soberana en Alcazar a bella D. Maria de Padilha, amante de Pedro o Cruel: a celebre favorita tinha adoptado para seo uso o « *Banho das Sultanas* »; para o qual entrava en

presença da côrte, exigindo a polidez que cada cortésão bebesse no côvo da mão da favorita un pouco da agua do banho.

Recusou fazel-o un dos grandes de Hespanha, e perguntando-lhe o principe a razão de tal injuria: « Depois de ter provado o molho, respondeu elle, receio que se me abra o appetite para o peixe ».

Eis o que li no *Courrier des Etats-Unis* de Maio de 1888, exemplar que me forneceu o Ill.mo Sñr. Luiz H. Vieira Souto.

Larousse diz que outr'ora quen en Inglaterra fazia ũa saude no fin do jantar, mettia ũa fatia de pão torrado (*toast*) no cópo ou taça. Depois de têl-a feito circular por toda a mesa, a taça que cada convíva tinha levado aos labios, voltava ao primeiro, que bebia o liquido, e comia a torrada (*toast*).

Cahiu o uso das torradas; mas os *britannelhos* ainda empregão o *toast*, de que não precisamos, não só por termos os vocabulos— *brinde*—*saude*—; mas porque é triste recordar tão repugnantes usanças.

TUYOTÉ: Encanudado, é a traducção da palavra franceza. O mulherío ignorante diz *tiotê*. Diga-se babado de canudos, fôfos encanudados.

VIRTUOSE: É um italismo muito dispensavel; *virtuose* corresponde a curioso, ou pessoa curiosa, que sabe algũa arte sen a ter aprendido.